



TRANSCRIÇÃO (TEXTO NÃO REVISADO)

OUTROS EVENTOS / ATIVIDADES - 10/04/2026

Este programa é livre para todos os públicos Senhoras e senhores, boa noite Em nome da Mesa Diretora da Câmara Municipal de Piracicaba Iniciamos agora o terceiro simpósio sobre o autismo Desenvolvimento da fala e comunicação Autismo e o diagnóstico tardio com base no Decreto Legislativo nº 1, de 2024, de autoria do vereador André Bandeira. Este simpósio está sendo transmitido pela TV Câmara Piracicaba, no canal 11.3 UHF, da TV Digital Aberta, no canal 4 da NET Claro, canal 9 da Vivo Fibra, também pelos perfis oficiais da Câmara Municipal de Piracicaba, do Facebook, do YouTube e, claro, na nossa página oficial, camarapiracicaba.sp.gov.br. Informamos também que o áudio e as imagens poderão ser utilizados para a divulgação dos trabalhos institucionais da Câmara, conforme a política de divulgação de dados que se encontra disponível no nosso site. Compõe a mesa de honra nesta noite o proponente desta solenidade e Presidente da Mesa de Honra, vereador André Bandeira. A assistente social e coordenadora da ALMA, Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Piracicaba, senhora Camila Banzato. O palestrante e vereador de Guarulhos, na gestão de 2021 a 2024, senhor Jorginho Mota. A palestrante e fonoaudióloga, doutora Renata Bertagnoli. A fonoaudióloga e proprietária do Espaço Integrado LIS, senhora Maria Lígia Brienza. A Secretária municipal de Acessibilidade e Inclusão, Mayara Maia. Agradecemos a presença das seguintes autoridades. Senhora Josiane Fantucci, assessora do vereador de Rio Claro, Emílio Serri Senhora Bruna Ananias, fisioterapeuta e conselheira do CONDEF Senhora Renata Amaral Nogueira, fisioterapeuta representando o Espaço Pipa Justificaram a ausência, desejando sucesso para este evento O Secretário municipal de assistência, desenvolvimento social e família Senhor José Edivaldo Brito os representantes da Unidade Regional de Ensino de Piracicaba e a vereadora desta Casa Legislativa, a senhora Raide Almeida. E agora, com a palavra para a abertura dos trabalhos desta noite, o vereador André Bandeira. Obrigado, muito boa noite a todos, a todas. Uma satisfação para a gente poder, nessa noite de sexta-feira, estarmos com o Salão Nobre aqui da Câmara Municipal, repleto de pessoas em busca de informação, em busca do conteúdo que os nossos palestrantes vão trazer para a gente hoje. Quero complementar aqui, se eu não errei, faltou a citação da Rebeca Padula, conosco aqui compondo a mesa. Rebeca, que também é palestrante conosco hoje aqui, psicóloga, e vai trazer um conteúdo muito bacana para todos nós nessa noite de hoje. Quero agradecer aqui, em nome da Rosângela, a todos os alunos e alunas da ETEC que estão conosco aqui hoje. Muito obrigado pela presença, aos profissionais, aos familiares, a todo mundo que está participando conosco hoje nesse terceiro simpósio de autismo que realizamos na Câmara Municipal de Piracicaba. Algumas pessoas podem falar, de repente, questionar. questionar, André, o que você está discutindo, o que você está querendo falar sobre autismo? Você é cadeirante, você não é autista. Está aqui o Jorginho para falar com propriedade, mas estão todos os profissionais que estão aqui na mesa para falar com muita propriedade. Quando a gente defende a bandeira do autismo, quando a gente defende a

bandeira da inclusão, Não é questão do autismo, não é o cadeirante, não é o deficiente visual, o auditivo, o intelectual. A gente quer uma sociedade melhor para todo mundo, para todo mundo, em todos os lugares, a participação plena de todas as pessoas, homens, mulheres, independente da religião, independente da cor da pele, independente do que for. Nós estamos no ano de 2026. A gente queria que fosse uma sociedade, de repente, mais inclusiva já, mas ainda a gente precisa bater nessa tecla, falar sobre inclusão, discutir, trazer esse tema, bater nessa tecla. Inclusive, precisamos de mais representação, não só nas câmaras municipais, mas na nossa Assembleia Legislativa, no nosso Congresso Nacional. Precisamos de mais gente falando disso. Por quê? A inclusão é fundamental. Quem não vive essa realidade, de alguma forma, em algum momento vai viver. Como eu falei, estamos em 2026. Neste ano aqui se completam 30 anos que eu vivo essa realidade de ser uma pessoa cadeirante, de estar dentro desse meio, buscando a inclusão da pessoa com deficiência na nossa sociedade. E, para mim, é uma satisfação muito difícil de descrever, poder ter conseguido passar por todo o momento que eu tive lá atrás de dificuldade após o acidente, mas, primeiramente, graças a Deus eu estou vivo, graças a uma família maravilhosa, eu pude ter uma retaguarda muito boa para fazer a minha reabilitação. Tive o privilégio de conhecer uma mulher maravilhosa, que é a Dulce, que está aqui e está sempre do meu lado, não é hoje, mas é todos os dias que ela está do meu lado, com uma gripe trEmenda que ela pegou nesses dias aqui, passou para mim a gripe, mas está sempre firme, forte, ao meu lado, rindo quando pode rir, chorando quando precisa chorar, mas a luta pela inclusão é diária, a luta pela participação plena é diária. e por isso que a gente insiste e a gente bate nessa tecla todos os dias e nesse sentido eu quero agradecer a todos que estão compondo essa mesa aqui por proporcionarem a gente poder fazer esse encontro nessa noite de hoje, compartilhando conhecimento quero agradecer a cada um de vocês por estarem conosco aqui hoje para receber essa mensagem e peço encarecidamente que sejam propagadores dessa mensagem que vocês vão receber aqui hoje, esse conteúdo que vocês vão receber aqui hoje, porque é muito importante. E, aliás, falando em inclusão, deixa eu corrigir uma falha grave minha aqui. Primeiro de tudo, falar fora do microfone para alguém se localizar espacialmente, se alguém com deficiência visual estiver nos acompanhando aqui. E aí, fazer a minha autodescrição, eu sou um homem com os meus 40 e poucos anos, não vamos falar a idade, cabelos castanhos, pele clara, estou vestindo uma camisa azul, calça jeans e a minha cadeira de rodas azul também. Com muito gosto, já faz vários anos que estou com ela. E, mais uma vez, não quero me estender aqui porque temos pessoas ilustres, para poderem falar aqui com a gente. Mais uma vez, quero agradecer a todos por estarem presentes conosco hoje. Numa sexta-feira, que todo mundo, de repente, poderia estar descansando, compartilhando esse momento com a família, fazendo uma outra atividade, mas estão aqui falando sobre inclusão, discutindo inclusão, fazendo uma sociedade mais inclusiva. Então, muito obrigado a cada um de vocês que está conosco aqui hoje. E desejo de coração um bom trabalho a todos vocês. Muito obrigado, uma ótima noite. Também está compondo a nossa mesa de honra a palestrante e psicóloga, senhora Rebeca Pascoal Padula. Nós vamos convidar agora, para uma breve saudação, as autoridades da mesa, que não usarão a tribuna posteriormente para fazer a sua apresentação. Então, convidamos para uma breve saudação a Secretária Municipal de Acessibilidade e Inclusão de Guarulhos, Mayara Maia. Eu sou a doutora Mayara Maia, sou uma mulher de estatura alta, tenho cabelos longos e escuros, tenho a pele clara, hoje estou vestindo uma camisa preta, uma calça branca e sapatos pretos. Para mim é uma honra estar

aqui, gostaria de cumprimentar a todos da mesa, a todos que estão aqui presentes, em nome do vereador André Brandeira, E já ressaltar, vereador, parabéns, casa cheia, numa sexta-feira. Isso significa que o trabalho do senhor está impactando vidas e isso é muito importante. Então, espero que Deus abençoe a vida do senhor ainda mais, dando mais força, porque não é fácil, lutar por inclusão não é fácil. E, às vezes, a gente ainda tem que escutar esse tipo de comentário que o senhor falou, mas o senhor é cadeirante, não tem que lutar por autismo, então por que luta? O senhor não só luta por autismo, mas luta pela fibromialgia, porque não estou aqui a primeira vez e, para mim, é uma honra. Estive aqui também no evento sobre fibromialgia. Enfim, o senhor luta por inclusão. E inclusão é exatamente isso, não é lutar por apenas uma bandeira, é lutar por todos. Então, parabéns. Fiquei muito feliz. Até falei para a Dulce que lindo ver os adolescentes aqui sendo impactados. E eu espero que hoje aqui todo mundo saia picado pelo bichinho da inclusão, os que não foram ainda, porque é uma pauta, é uma luta muito importante, que a gente não deve lutar só no mês de abril, e sim todos os meses, porque a inclusão, as pessoas com deficiência sobrevivem todos os outros meses. Então, eu sou hoje especialista no direito da pessoa com deficiência, Descobri no ano passado que sou uma pessoa com autismo E foi muito difícil para mim Ainda que eu já lutasse há mais de seis anos por inclusão Para mim, eu vivi o luto Que as mães atípicas vivem Que as famílias atípicas vivem E eu ficava me perguntando Meu Deus, mas eu trabalho por inclusão Eu levanto mãos e agora estou me vendo aqui no fundo do poço Porque realmente não é fácil Mas é o que eu sempre falo o laudo é um ponto de partida. Então, eu levantei, eu chorei, mas depois eu bati a poeira e continuei lutando. Porque hoje a gente luta, mas a gente tem a esperança, vereador, que um dia a inclusão seja natural, que ela não seja mais questionada, que a gente não precise mais lutar. Porque ninguém aqui quer ser a Xena, a princesa guerreira. Nós queremos só realmente ter qualidade de vida. Então, muito obrigada. Parabéns por todos vocês que estão aqui hoje Parabéns aos palestrantes Ao meu marido, Jorginho Mota Primeiro parlamentar autista do Brasil Parabéns à Dulce Que faz um trabalho incrível Como companheira Eu também sou esposa típica Então a gente conhece A luta do dia a dia A todos da Câmara Municipal O pessoal do som que ajudou A gente vai conseguir passar a sua música no final E é isso, gente É com muita honra que mais uma vez eu estou aqui a convite do vereador. E, quantas vezes forem precisas, estarei aqui, vereador. Para mim é uma honra. Que Deus abençoe a todos. Boa noite, gente. Convidamos também, para uma breve saudação, a fonoaudióloga e proprietária do Espaço Integrado LIS, a senhora Maria Lígia Bezerra. Brienza, perdão. Brienza. Eu sou a Lígia, tenho um metro e meio, tenho cabelos morenos, assim, longos. Estou toda de verde e gostaria de agradecer muito o convite do vereador André Bandeira por essa oportunidade de estar trazendo aqui a doutora Renata, que é a minha mentora, que eu tenho esse privilégio de aprender muito com ela. Então, eu só tenho que agradecer ao senhor, está bom? Obrigada. Convidamos agora, para uma breve saudação, a assistente social e coordenadora da ALMA, senhora Camila Banzato. Boa noite. Boa noite. Eu sou uma mulher morena, de estatura mediana, cabelos castanhos até o ombro. Estou vestindo um casaco rosa e uma blusa azul. Como eu havia falado, meu nome é Camila, eu sou assistente social. Atualmente estou na coordenação da Alma Piracicaba A Alma é uma associação que esse ano completa 26 anos Trabalhando na temática do autismo Quando ainda não era reconhecido como deficiência Era uma dificuldade muito grande para as famílias aqui do município Na verdade não existiam serviços para atendimento de pessoas com autismo em Piracicaba Então nós fomos pioneiros e aproveitamos esse momento para

enaltecer mesmo o trabalho, porque a fundação foi feita por um grupo de pais, sem qualquer experiência profissional, contudo, com muita boa vontade. E esse legado foi deixado até os dias de hoje, em que a Alma executa trabalhos... Na verdade, nós atuamos nas políticas públicas de assistência social, através de acolhimento. Nossos principais projetos são voltados para o acolhimento dessas famílias, a socialização, a autonomia, melhora da qualidade de vida. Hoje, o público da Alma se compõe com em torno de 170 atendidos, de zero a 59 anos, distribuídos em três serviços, um voltado para criança e adolescente, um outro serviço para acolhimento e direcionamento das famílias nos territórios de forma descentralizada e um serviço de convivência para adultos. Eu não poderia deixar de agradecer esse momento, essa Casa de Leis, na qual tem nos amparado e nos apoiado em diversas ações por muitos anos. Há dois anos, estivemos aqui com a nossa equipe técnica, ministrando um seminário. Enfim, no ano passado, fizemos o uso da tribuna, através do vereador também, para trazer a pauta do autismo, reforçar a importância da inclusão, de reconhecermos as pessoas com deficiência em todos os espaços, que a inclusão realmente aconteça, não por imposição, mas por reconhecimento de toda a população e que isso se torne, como disse a Secretária, algo comum, que não precise ser lembrado, que simplesmente a sociedade acolha de forma comum, natural. Não vou me estender, mas, assim, fico muito feliz, realmente parece até um pouco redundante a fala, de ver tantas pessoas reunidas para discutir a temática do autismo, para receber novos conhecimentos, para estar se apropriando, que eu acho que é um tema que está em expansão e é uma questão social mesmo, é de todos. Muito obrigada e um bom simpósio a todos. Como eu falei inicialmente, o senhor Jorginho, a doutora Renata e a senhora Rebeca Vão falar posteriormente aqui na tribuna no momento das suas palestras Então eu vou convidar agora as autoridades da mesa Que tomem assento na primeira fileira do nosso salão Para que possam acompanhar as apresentações que virão a seguir dos nossos palestrantes Nós informamos a todos que durante o simpósio nós teremos três palestras de aproximadamente 40 minutos cada uma e uma rodada de perguntas e respostas ao final de cada uma das palestras. Após a primeira palestra e a primeira rodada de perguntas e respostas, nós teremos uma pausa de 15 minutos para um cafezinho que vai ser servido aqui no hall para vocês. Será emitido o certificado aos participantes, participantes, mas é necessário que ou tenham feito a inscrição previamente ou que entrem em contato com o gabinete para passar os seus dados e emitir o respectivo certificado de participação. Nesse momento, nós iniciaremos, então, a nossa primeira palestra da noite com o tema Desenvolvimento da Fala e Comunicação. Ela vai ser ministrada pela doutora Renata Bertagnoli, que é fonoaudióloga com mais de 21 anos de atuação na área da fala. Ela é especialista em influência da fala e linguagem pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, treinadora em inteligência emocional, especialista em desenvolvimento humano e palestrante de alta performance. É autora de métodos de estimulação da fala, que já alcançaram mais de 3 mil famílias. Vamos convidar então para vir para a tribuna a doutora Renata Bertagnoli. Boa noite a todos. Como já me apresentaram, eu sou Renata, eu sou uma mulher de 47 anos, A minha estatura é 1,69m, cabelos um pouquinho abaixo dos ombros. Estou vestida com blazer e calça azul marinho, uma blusa vermelha e um sapato vermelho. Quero agradecer a oportunidade de estar aqui nesta casa. Muito obrigada ao vereador André Bandeira por esta oportunidade, Por esta iniciativa, eu gostaria de uma salva de palmas para todos que apoiam a causa do autismo. Muito obrigada por este simpósio, por envolver tantos profissionais, autoridades e, o mais importante, de levar esta informação para o cidadão, tanto

da sua cidade como de outras, através da transmissão que está sendo feita. Muito obrigada. Agradeço também a senhora Camila Banzonato Que representa a alma, como já foi falado Eu agradeço também a presença da outra autoridade O nosso também palestrante, vereador de Guarulhos O senhor Jorginho Mota, muito obrigada Também agradeço a sua esposa A sua esposa Mayara Maia, da Secretaria Municipal Agradeço também a minha querida aluna, mentorada, Maria Lígia, do Espaço Integrado LIS, que viabilizou e me apresentou para o vereador e mediou todo esse encontro. Eu quero pedir uma salva de palmas para a Maria Lígia. Por favor, fique em pé. Muito obrigada. Se não fosse você, eu não estaria aqui. Então, minha gratidão. Então, eu não poderia começar sem saudar a você que está aqui presencial. Muito obrigada, porque você está dizendo que você se importa por crianças, adultos e todas as pessoas com autismo. Se você está aqui numa sexta-feira, eu não sei o motivo que te trouxe, mas eu sei que você está aqui. Às vezes, você foi até convidado por alguém. Às vezes, você veio acompanhando. Ou você tinha que estar aqui, não tinha, às vezes, uma outra possibilidade, mas você está. Você poderia fazer qualquer outra coisa. Então, eu quero me comprometer com você de dar o meu melhor no tempo que eu tenho para que possamos sair daqui entendendo um pouco mais sobre o desenvolvimento da fala e da linguagem. Eu me comprometo a dar o meu melhor. Quem se compromete, levante a sua mão para dizer assim, eu vou prestar atenção, eu vou me desligar de tudo, eu vou estar presente. Muito obrigada pelo seu comprometimento. Porque, às vezes, a gente está no local, mas está no celular, está fazendo uma outra coisa. Nada acontece por acaso. Se você está aqui, é porque você precisa desta informação ou alguém que você conhece precisa desta informação. Que bom que você está aqui. Bem, eu quero dizer que muita gente pergunta como é que se desenvolve a fala. Alguém aqui tem essa curiosidade? Levanta a mão para agradar a palestrante. Isso, estou brincando. Talvez você nunca parou para pensar. Falei brincando, lembro. Talvez você nunca parou para pensar. Mas, quando acontece algo que a fala não aparece, aí existe uma grande preocupação, como é a maioria das crianças com autismo. Então, eu quero dar algumas dicas e orientações de forma prática. Já, deixa eu ver aqui, isso aqui sempre acontece, só para dar essa emoção, porque programa ao vivo é assim mesmo, né? Espera aí, acho que tem que ligar, né? Tem que ligar. Deixa eu ver, agora sim. E este é o meu sinal Muitas dúvidas, existe o que é mito O que é verdade Às vezes tem gente que fala assim Nossa, parece que Se der a colher na água Numa concha Se colocar um pintinho Para piar na boca Olha lá, já fizeram isso? Até com o doutor, fizeram E aí tem gente que fala assim E o pior é que deu certo Aí eu falo assim Não, peraí, como é que é assim? Não é que deu certo, gente. Na verdade, o que deu certo não é o pintinho piar na boca. O que deu certo foi a interação daquela família. Você já imaginou a operação de ir lá, comprar o pintinho? Como é que é um pintinho, gente? Ele não para do quê? Piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu. Não é assim? É desesperador. Uma criança vendo aquele bichinho tão bonitinho. É bonitinho, não é? É bonitinho o pintinho. Então, olha o tempo que essa criança está escutando E é engraçado porque eu fico imaginando a mãe, a avó Correndo atrás e pega e escapa E aí a criança ri Existe aquela interação Com certeza, daqui a pouco o menino vai falar Piu, piu Não porque o ato de piar na boca Mas sim daquela cena pitoresca Tem cada história Aí o pintinho bica no lábio da criança essa criança sai chorando, bica a mãe, e aí não sei o quê, e perde o pintinho. Então, essa interação que gerou uma estimulação. E outra, eu acredito muito na fé das pessoas. Então, muitas vezes, a pessoa começa a olhar. Não, agora ele vai falar, porque ela está dando significado. Não, porque a gente fez tal coisa. Então, não era aquele ato. Tá bom?

Desculpa se eu estou quebrando aí alguma tradição, alguma coisa que a avó, a tia lá atrás passou, mas não é sobre ela, é sobre ciência. Então, mito, existem muitos mitos e verdades que o menino demora mais para falar. Gente, esse mito é perigoso, porque eu vou dar uma informação científica. Os meninos têm uma chance maior de ter qualquer alteração de linguagem. Para você ter uma ideia, para cada menino que gagueja, cada uma menina que gagueja, quatro ou cinco meninos gaguejam. É uma proporção enorme. Por quê? Genético. É genético. Então, olha só, se mais meninos têm alteração de fala, se você for lá no Espaço Integrado LIS, da doutora Maria Lígia, ou no consultório da doutora Ângela Leão, que está aqui com a gente, muito obrigada, doutora Ângela, você verá que vai sair ou entrar no consultório delas, ou no meu, ou se tiver algum outro fonoaudiólogo aqui presente, muito mais meninos. É uma questão genética. Aí você fala assim, então, por isso. Então, é verdade. Então, os meninos demoram mais para falar. Gente, não. Os meninos participam de um grupo de risco. É o contrário. A sociedade fala assim, não, fica tranquila, porque o menino demora mais para falar. Deveria ser o seguinte, puxa, ele é menino, ele faz parte do grupo de risco, Então, vamos estimular mais ele. Deu para entender a importância da informação correta? Porque as pessoas normalizam aquilo que elas veem com frequência. Às vezes, o pai, o avô demorou, e ela acha que isso é normal. Não, é o contrário. A gente entendeu bem o que é grupo de risco no COVID. Não era assim? Não. O idoso é grupo de risco. Então, o que as pessoas falavam? Então, é normal o idoso falecer de COVID. Pode deixar. Não, a gente evitava. Não, vamos evitar. Perto do vô não chega. Não é assim? É o que a gente deveria fazer com o menino. Então, esse é um dos exemplos. Não vou ter muito tempo para falar. Temos muitos mitos e verdades. Aqui é um quadro, eu sei que não dá para ver de longe, mas eu trouxe de propósito, porque essa é uma fonte oficial do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Não é a Renata falando. É o nosso conselho no nosso país sobre o desenvolvimento da linguagem. Mas você consegue isso pesquisando no Conselho Federal de Fonoaudiologia, no Google mesmo. Coloca Marcos do Desenvolvimento da Linguagem, Marcos do Desenvolvimento da Audição. Isso está disponível gratuitamente no Google. Isso é importante. Eu vou resumir basicamente o que é mais importante você saber ali daquele quadro. Uma criança começa a falar entre um ano a um ano e meio. Tem gente que fala que cada criança tem seu tempo, fica tranquilo. Fica tranquilo dentro deste intervalo. Fora deste intervalo, precisa começar a buscar ajuda. Vai ter que entrar em tratamento? Não sei. Às vezes, é só falta de estimulação. Eu costumo dizer que quero que vocês levantem as duas mãos. Levantem as duas mãos. Agora, você vai abaixar a mão esquerda. Fica com a mão direita. Eu costumo dizer assim, essa mão direita representa a estimulação, essa mão esquerda, levanta a outra, representa tratamento, tá bom? Agora abaixa. Todos nós, levanta a direita, todos nós precisamos de estimulação, todos. Todo mundo aqui precisou ser estimulado a falar, ok? Mas tem pessoas, segura a mão direita, que precisam da estimulação e tratamento, intervenção. Agora, nem todo mundo precisa de intervenção, mas todo mundo precisa do quê? De estimulação. Então, a estimulação previne muitas vezes a intervenção. Tem crianças que só precisam de estimulação. Tem criança que precisa de intervenção. Como eu vou saber? Sempre estimulando. Se começa a ter resultados, o caminho era estimulando mesmo. Se está com dificuldade, tem que ter uma intervenção. E sabe o que é legal? Eu, pelo menos, no meu método de trabalho, a estimulação sempre é feita pela família. A intervenção, pelo profissional. E eu não consigo trabalhar sem a família. E eu faço a estimulação com a intervenção. E os resultados se multiplicam. Porque o profissional,

fonoaudiólogo, psicólogo, fisioterapeuta, está com aquele paciente duas vezes, uma vez na semana, e a família está todo o tempo da semana. Então, por isso que eu agradeço, já agradei várias vezes o vereador André Bandeira por iniciativas de divulgar a informação correta para as famílias. A comunicação é dividida em duas formas. Comunicação verbal e não verbal. Todos nós aqui estamos usando esses dois tipos de comunicação. Então, o tempo todo. E a criança também. Crianças que demoram para falar acabam usando muito mais a comunicação não verbal, que é tão importante. E a comunicação verbal é tão importante. Eu queria fazer uma dinâmica rapidamente com vocês. Todo mundo em pé. Todo mundo em pé. Não podia fazer isso? Quebrou o protocolo? Ah, então está bom. Então, vamos lá. Chegou aí para ela filmar? Todo mundo levanta as mãos, mãos ao alto. Não, é brincadeira, gente. Mãos altas, não. Está bom? Levanta a mão. Abaixa a mão esquerda. Mão aqui direita para frente. Cadê os seus dedos aí? Quantos dedos vocês têm? Só cinco, gente. Pode ser que alguém não tenha todos Mas a maioria aqui tem Só 10 A maioria tem 20 E tudo bem se tiver alguém que tiver alguma deficiência E não tiver todos Feche suas mãos E levante para mim O dedo indicador O que foi? O que foi? Vamos lá Teve gente que mudou o dedo Eu vi Mantenha seu dedo em pé Levantado, elevado, elevado. Eu vi, eu vi, se o Jorginho não me engana. A maioria colocou o polegar. Por que vocês colocaram o polegar? Mas eu pedi indicador. Por quê? Porque o que eu faço, a minha comunicação não verbal, ela é tão poderosa que atrapalha a comunicação verbal. Ou seja, o que eu faço, o que eu sou, fala tão alto que você não consegue ouvir o que eu digo. Por isso que é muito mais importante as ações, não é só o blá, blá, blá, o falar. Podem sentar. Esse foi só um exemplo do poder da comunicação não verbal. Eu gosto de dizer que a comunicação não verbal Ela define muitas coisas É a primeira coisa Quando você chegou aqui Teve gente que olhou para alguém É muito comum isso A primeira impressão que fica é a comunicação não verbal E não é uma criança, Renata É o olhar É o gesto E uma criança, muitas vezes, se comunica de uma forma não verbal, porque ela ainda não consegue se comunicar de verbal. E a gente tem muitas famílias reduzindo essa comunicação. Ele não fala, ele é não verbal. Ele é não verbal ainda, ou porque ele precisa de suporte, ele precisa de condições. E essa família precisa interagir. E a primeira coisa que eu faço com uma criança não verbal, E eu não gosto de usar esse termo. Eu gosto de dizer que há uma criança que se utiliza predominantemente ou exclusivamente de uma comunicação não verbal. Porque eu não desisto nunca da comunicação de ninguém. Porque a comunicação é um direito de todos, independente das suas deficiências ou dificuldades. Então, o mundo que precisa se adaptar oferecer o que o indivíduo precisa, quer seja uma criança, quer seja um adulto. Mas vou ficar no assunto de criança, porque a Rebeca vai falar de adulto. Um dos grandes erros é a mãe forçar, ou o pai, ou até terapeutas, forçar uma criança a falar. Fala. Por exemplo, pega ali um objeto, fala. Você sabe, você falou na semana passada. Como é que é o nome? Às vezes, a mãe está sorrindo, falando com amor. Eu assisti uma palestra da Fona, ela falou que tem que estimular. Então, vou estimular. Filho, olha aqui para mim. Jacaré. Jacaré. Fala, Jacaré. Imagine eu chegar aqui e dar uma palestra para vocês. Jacaré. Microfone. Microfone. Copo. Copo. Vamos falar assim. O que aconteceu com a mulher? Por que ela está falando palavras isoladas? Isso, você pode até achar, ela está passando mal, alguma coisa, porque a fala nos dá sinal de como está a cognição, como está a pessoa. Então, a criança sabe que você não fala assim, porque ela vê você falando para outra pessoa. Você viu que bonitinho esse jacaré? Olha só que macio! Isso é uma fala funcional. E, muitas vezes, a mãe fala assim, meu filho não tem uma fala funcional, Mas você não tem uma

fala funcional com ele. Então, você tem que ser natural, tem que brincar. Olha só o jacaré, olha o olho do jacaré. Eu só não falei, eu também mudei minha voz, perceberam? Isso é comunicação não verbal. Eu acabei de usar um recurso que é a entonação da voz. Eu confesso que, hoje, aqui, estou bem reduzida, porque não paro no palco. Vou para um lado, vou para o outro. Porque, com criança, é assim. Quem é criança aqui? Todos nós temos uma criança interior. Então, para chamar a atenção da plateia, eu sempre ando muito no palco, justamente para atrair a atenção de quem está ouvindo. Porque todo mundo aqui trabalhou, está cansado. Precisa ser atrativo. Com a criança também não é diferente. Então, se eu vou falar do jacaré, eu preciso mudar a minha voz, eu preciso esconder o objeto. Assim é uma estimulação. Não apenas repetição, repetição. Então, nunca force uma criança a falar. O efeito é o contrário. Em vez da criança querer falar, essa criança vai se sentir coagida. E não sei se temos aqui algum advogado. Às vezes, podemos estar fazendo até uma violência psicológica. Porque coagido para falar é uma das características de violência psicológica. Nossa, Renata, você está exagerando. Não estou exagerando. Porque a mãe, sem conhecimento, vai fazer algo porque vai achar que está certo. e ela pode... Tem crianças que começam, quando falam assim, fala para mim, ela põe a mão na boca. A criança começa a chorar. É ou não é, minhas colegas de trabalho? Ela começa a ficar com recusa. Quando a gente usa a palavra fala, porque ela já foi torturada. Essa é a palavra que eu falo. Quando eu falo para a mãe, você fica assim, fala, fala. Aí eu brinco, parece uma tortura. Fala, para quem você trabalha. Por que eu uso essas analogias? Hoje à tarde, a gente fez um papo muito gostoso e eu estava falando, eu uso coisas simples, porque a mãe vai entender e ela não vai fazer mais isso. Porque ela vai entender, nossa, eu posso estar forçando, torturando. Vocês entenderam a analogia. Também temos que tomar cuidado que, muitas vezes, as pessoas acham que estimulação é só fazer pergunta. Como é que é o nome desse bicho? Qual é a cor desse bicho? Se a criança não sabe o nome, ela vai saber a cor. A cor é muito abstrata. Cor, números. Uma criança que não fala nunca pode ensinar cor, números. Não é que não pode ensinar, está cobrando algo além do que ela pode. Só que, no autismo, é totalmente diferente. E, muitas vezes, no autismo, uma criança faz uma coisa que é além da capacidade dela e ela muitas vezes não consegue fazer algo que é da capacidade dela mas ela tem uma habilidade e aí nós temos crianças que se alfabetizam antes de falar, porque ela foi exposta às letras parece uma coisa muito diferente porque é diferente o cérebro do autismo, do autista e ele tem habilidades incríveis por isso que tem que ser potencializado e dado o tratamento devido. Porque a gente sabe que a gente tem grandes mentes. Mas, por isso que eu preciso cuidar com muitas perguntas. Também, imagina um diálogo. Se eu começar aqui só a fazer perguntas para vocês, começa a cansar. Não existe diálogo com perguntas. Só perguntas. Eu faço uma pergunta e eu vou esperar. Porque aí eu preciso esperar peraí, O tempo de fala Como é que está meu tempo? Tinha uma pessoa aqui que ia me ajudar com o tempo Então, cuida com só perguntas Eu costumo ensinar para as famílias Que você não é o investigador O que é isso? Qual é o nome? Como é o nome disso daqui? Então, chega para a criança Olha essa girafa Olha o pescoço Passa a mão no pescoço Olha o olhinho da girafa Vocês viram que eu mudei a entonação de voz para o pescoço e para o olho. A criança com autismo, e qualquer criança, e eu sempre digo, lembre-se sempre, toda criança com autismo é uma criança. A gente quer inclusão e muitas vezes trata diferente. Então, é uma criança. E a criança, o cérebro da criança, e não é só o cérebro da criança, porque nós somos crianças adultas, Chama atenção quando muda a entonação. Por que a gente ri quando alguém conta

uma piada? O repentista. Repentista com rima. Obrigada. O repentista rima as coisas. A gente é adulto, a gente dá risada, a gente acha o máximo, porque ele acabou de rimar tudo ali na hora, é uma habilidade. Você ri porque a rima no nosso cérebro chama a nossa atenção. A mudança de voz É fininha, aguda, chata Ou grossa Eu estou fazendo aqui e tem gente rindo Eu não sei se é rindo para mim ou de mim Mas estou brincando É que agora mais gente riu Riu espontaneamente Porque o seu cérebro Gosta de variações E principalmente Uma coisa que eu sempre falo Isso é PNL pura O cérebro gosta que você quebre o padrão. Você não ia imaginar que eu ia fazer uma voz grossa e uma voz fina, chata, insuportável. Então, eu quebrei o padrão. Sem querer, você riu. Tem gente que achou uma babá aqui e ficou sério mesmo. Nem para rir, para agradar a palestrante. Mas está tudo bem, a gente continua amigo. Não tem problema. A neurodafa é um termo que eu criei dentro do meu método, porque a mãe sofre demais, como a gente comentou agora há pouco, com o diagnóstico. E ela, muitas vezes, não tem esse diagnóstico, ou ela tem, ou ela suspeita, ou alguém suspeita, e ela vive uma... Lembra daquela propaganda da neura da limpeza? Vou entregar a idade. Tem um pessoal jovem aqui. Acho que a geração Z não conhece. Mas da neura... Estou com uma neura. É a neura da fala da mãe. Tem mãe que não sai com o marido por conta do filho, não vai para o churrasco porque vão perguntar. Ele não fala. Ele tem algum problema? Olha onde nós chegamos. Mas tem mães com depressão, ansiedade. E muitas vezes tem gente cuidando dessa criança. Mas quem cuida da mãe? Minha primeira ação em qualquer tratamento com criança é acolhimento dessa mãe. Essa mãe precisa saber o que fazer, porque muitas chegam desgastadas. Muitas deixam ali no consultório e saem. Às vezes, são só aqueles 40 minutos que ela tem para respirar. Não é porque ela não quer participar desse momento. Então, para muitas, na maioria das vezes, é muito cansativo, é muito frustrante. Porque falar com o filho que você ama e ele não te olhar nos olhos, ele não te responder, chamar você por mamãe ou falar que te ama, é altamente frustrante. Então, a gente tem que trabalhar com essa mãe, porque muitas vezes ela entra num estado que eu chamo de neurada fala, onde ela sofre tanto que ela não consegue sentar no chão e brincar com o filho. Porque na hora que ela senta, ela olha para ele e os olhos dela enchem de lágrima, porque ela pensa, o que vai ser do meu filho? Como é que vai ser na faculdade? vão zoar com ele, como é que vai ser o bullying e agora ela não consegue viver o tempo presente, porque a cabeça dela está lá no futuro pensando e o tempo vai passando e aquela criança precisa de uma mãe inteira, saudável mentalmente para poder estimulá-la e o mais importante aceitá-lo como ele é então a gente tem que fazer esse trabalho com a mãe para tirar ela do estado de neuro da fala Esse é o maior inimigo, que são as... Não escutei, plateia. Esse é o nosso maior inimigo da fala. As telas. Por favor, crianças até dois anos não deveriam ter contato nenhum com tela nenhuma. Porque esse período de dois anos, os primeiros dois anos, eles são tão importantes que definem a vida inteira por conta do desenvolvimento cerebral. Então, são os mil dias. Quando você pesquisar no Google mil dias, você verá como é importante esta faixa etária. Para você ter uma ideia, a quantidade de conexões do cérebro de uma criança de um aninho, quando ele começa a andar, é semelhante à quantidade de conexões cerebrais de um jovem fazendo o vestibular. A velocidade que o cérebro está de conhecimento e desenvolvimento entre um a dois anos, ela é muito grande, acelerada. E, aos dois anos, existe uma poda neural. Então, tanto que as pessoas falam, nossa, terrible too, aos dois anos a criança fica um pouco rebelde. Existem outras podas neurais. Na adolescência também tem uma. Tem mais, estou resumindo. Existem outras podas neurais. O que é poda neural? Poda. Sabe a poda da árvore

que a gente corta? Existe também poda neural. Como assim? Ela vai cortar neurônios? Alguns neurônios morrem. Os neurônios que não foram estimulados. Ou algo... Sabe aquilo que você fazia? Eu, na minha adolescência, aos meus 11 anos, eu pintava vidro. Fazia ali a flor. Não era muito bonito, não, mas eu pintava. E hoje eu não consigo pintar essas flores. Eu tocava flauta aos 18 anos. Hoje eu não consigo mais tocar flauta, porque eu não pratico. Então, esses neurônios que tinham aprendido essa habilidade, eles morrem, porque eu não voltei. Talvez, se eu praticar, praticar, pode ser que eu consiga, ou não, não sei. Mas hoje eu não consigo, porque eu parei de estimular essa habilidade. A criança também. Então, por exemplo, uma criança nasce podendo aprender qualquer língua. Se você quiser ensinar russo e português, ele vai aprender russo e português. Qualquer língua. E aí, depois, ela é exposta a uma língua só, ela vai ter a língua materna, que a gente chama. Quando você estimula duas línguas, a criança é bilingüe. Ela aprende as duas línguas ao mesmo tempo. Mas é uma educação bilíngue. Não é assistir vídeo em inglês. Não é isso. Tem que ter a interação. Eu falei que a linguagem nasce da interação. Eu fiz uma brincadeira para vocês. Alguns gostaram, outros não gostaram. Super normal. Aquele momento em que eu brinquei, vocês acharam que eu estou... Ela está se achando. Quando eu falei assim, não, tem que fazer isso para agradar a palestrante. é uma brincadeira que eu criei aqui com vocês. Então, é tipo... Eu fiz um código. Alguns toparam. Teve gente que levantou a mão e entrou na brincadeira. Outros nem... Tudo bem também. Mas, olha, se eu fizer de novo, é meio que a gente criou um código entre nós, uma brincadeira entre nós. Sabe aquele meme interno que você tem com os amigos? Porque a linguagem nasce da interação. Vocês estão interagindo comigo. Poderia ser que ninguém interagisse. Provavelmente eu ia parar, eu não ia fazer de novo. Ninguém levanta a mão. Não, não ia parar, não. Eu ia fazer vocês levantarem a mão. Mas isso é interação. A gente cria, não é assim com a amiga, que você olha, ela já entende o que é. Porque a gente cria isso, é natural da interação. Da mesma forma, quando estou interagindo com aquela criança E aí eu estou brincando, pega a bola, chuta a bola. Daqui a pouco ela vai falar, olá, alguma coisa parecida com a bola. Ou nada a ver com bola. Está tudo bem, ela está tentando. E se eu validar, é isso mesmo, pega a bola. A criança, daqui a pouco, o cérebro tem uma capacidade. Lembra lá dos primeiros dois anos? Que eu falei que pode aprender qualquer língua? Por quê? O cérebro ouve e tenta aproximar. Se ela falou bu, aí eu estou falando bola, pega a bola. Daqui a pouco o cérebro tenta, opa, espera aí, oa, porque lá às vezes ela não consegue. Aí o cérebro vai fazendo esse trabalho de aproximação. Quem aqui já estudou inglês? Mesmo que um pouquinho. Aí você está tentando falar a palavra, aí o professor te corrige, sem querer você repete o que o professor corrigiu, porque é o seu cérebro tentando se aproximar do correto. É involuntário. Então, quando a gente estimula, a criança vai ter o estímulo correto. Então, o maior inimigo são as telas. As telas não têm o quê? Interação. Porque é um diálogo. Eu queria pedir ajuda aqui, das minhas amigas fonaudiólogas, Maria Lígia e Ângela, para simular aqui o que é um diálogo. O diálogo, por favor, rapidinho aqui É só para pegar a bola E vai jogar a bola uma para a outra O diálogo, elas vão demonstrar De uma forma não verbal Joga para a Maria Ângela Isso, joga para a Ângela Ok, parou O que elas fizeram? Foi para uma, depois para a outra Enquanto uma jogava, a outra tinha o quê? Esperar Então, isso é diálogo Enquanto um fala, o outro ouve. Primeiro, elas fizeram aqui um diálogo não verbal, jogando a bola. Agora, cada vez que você jogar, tá bom? Vai. Agora, elas estão associando o movimento não verbal com uma vocalização. Um u, poderia ser um pá, se fosse uma bexiga, pá, pá. Então, elas estão fazendo um jogo, que a gente chama isso de jogo simbólico. É uma

brincadeira. Para você, adulto, vai olhar e falar, que besteira essas duas ali. Uma criança, tem uma criança aí, tinha um maiorzinho, que acho que é o filho da doutora. Cadê ele? Lá atrás? Ah, está. Se ele tivesse sentado aqui, talvez ele ficaria levantando, tipo, quero pegar a bola. Porque, para uma criança, para uma criança, ela quer pegar a bola. Se vai chutar, se vai jogar, ela topa tudo, a criança. Então, estou dizendo para vocês. É assim que a gente vai o quê? Envolvendo a criança. E o diálogo é esse ping-pong. Obrigada, obrigada. E o que acontece nas telas? Tem essa interação? Não. Galinha pintadinha está lá cantando, cantando, cantando. Ela não para. Ah, mas e se eu der pause? Gente, primeiro, a velocidade é muito grande. Vamos supor que ela está cantando lá. Palma, palma, palma. Pé, pé, pé Se eu estou fazendo com a criança Eu tenho o gesto Eu tenho o olhar Palma, palma, palma Eu canto várias vezes, daqui a pouco eu faço assim Você não sentiu falta do pé, pé? Você sentiu, não sentiu? A criança sente, numa dessa ela faz É, é Ou ela faz Tipo, fala, canta Ela já está te respondendo Não verbal Ai gente, meu horário está acabando Vamos lá, eu me empolgo porque eu o amo, eu o amo mesmo. E muitas pessoas não sabem que estimular a linguagem é algo tão natural e divertido. Vocês estão achando? Deixa eu ver. Fala assim. Contato visual. Eu tenho que olhar para essa criança, mesmo que ela não olhe para mim. Uma hora ela vai olhar. Sabe por quê? Porque nós temos neurônios espelho. Sabe você tentando, às vezes, chamar alguém? Vamos supor que alguém sentou lá atrás e o amigo sentou lá na frente. Aí você fica olhando, olhando. Eu preciso que ele olhe para mim. Daqui a pouco a pessoa olha para você. Não acontece isso? É a mesma coisa. A gente não pode desistir da criança. Claro que existem outras estratégias, mas fica aí a dica, contato visual. Não só da criança, tá? No seu trabalho, quando você for fazer uma entrevista, conversar com alguém, sempre mantenha o contato visual. A comunicação melhora muito com o contato visual. Tempo de resposta. Quando fizer uma pergunta, espera. dá um tempo para a criança responder. E acredite. E ele sempre responde. Como assim, Renata? Sempre. Vou te mostrar daqui a pouco uma escala. Sempre responde. Sobre usar a voz, já expliquei para vocês. Quando a gente faz a melodia que a gente chama de prosódia. Grave, agudo, grave. Eu estou usando a minha voz. Quando eu falo baixinho com a criança, eu chamo a atenção. Porque eu falei mais baixinho. E nunca, nunca grite com uma criança. Você pode falar um pouco mais forte, mas gritar acaba a comunicação. Porque isso é falta de respeito. A única situação que a gente grita é quando está longe. Cuidado! Não, não vai a arro! É uma situação de emergência e está longe. Longe, se você está gritando com alguém perto de você, seu marido ou a criança, é porque você está longe emocionalmente dessa pessoa. Tá bom, eu já vou terminar. Eu ainda tenho cinco minutos. Calma, eu tenho cinco minutos. Deixa eu ver. Eu já falei da questão não verbal. Aqui é o ciclo que acontece quando você não sabe estimular. Ali, a mãe falando, fala água, fala água. Se você falar água, eu te dou água. Concorda que é tortura? Estou morrendo de sede? Só se eu falar água? Sacanagem, não é? Então, não vai falar, não tem a resposta da criança, a mãe se sente frustrada, e a criança também, e isso vira um ciclo vicioso. Essa é a base do método que eu tenho, que eu explico isso para as famílias. No meu Instagram, tenho mais orientações sobre isso. Gratuitamente no meu Instagram. E aqui é a ação correta. Eu começo a ensinar para a mãe que ela não vai falar assim. Fala água. Você quer água? Está fresquinha a água, filho. Pega a água. Quantas vezes falou água? Umas três. E quando eu falei, se você falar água, eu te dou, falou uma vez só. Isso é estimular, isso é natural. Até você ficou com sede agora. Bem, e esse é meu método. O ABC da fala, não é de letras, é A, de ação correta. Eu tenho que saber brincar. B, de brincar no chão, na altura da criança. Precisa sentar no

chão, brincar no chão. C, continuação. Por quê? Porque é pela repetição, tem que continuar. Fazer isso várias vezes, vários dias. Várias vezes no dia. continuar, não parar. Quando eu faço o ABC, vai vir o D, que é o D de diálogo, mas isso a gente vai deixar para um outro momento. Eu quero encerrar com essa escala, que é da minha autoria, você não vai achar em nenhum lugar, a não ser isso só nas minhas aulas de quem são os meus alunos, eu trouxe aqui para vocês, essa é uma escala de resposta que eu fiz. Lembra que eu falei que a criança sempre responde? Não, Renata, mas ele chorou. Olha lá, chorou, saiu correndo, nem olhou, ponto dois, começa o que? zero, quando não tem nenhuma resposta é quando a mãe, o pai não fez atividade quando você fez atividade opa, primeiro começa com você não com a criança, então um ponto para você, aí você fez ele saiu correndo, é uma resposta quando a mãe entende que sair correndo chorar, rasgar, às vezes a criança rasga, eu falei mãe, está evoluindo, antes ele virava as costas, agora ele se aprou, se Ele manipulou, ele rasgou, e aí vai evoluindo. Ele jogou longe, ele já pegou o objeto, como a bola, por exemplo, e ele está começando a interagir. E a fala nasce daí inteira? Aê, muito bem. Eu ia fazer mais uma dinâmica, mas o nosso horário já está avançado. Então, eu agradeço muito a atenção de vocês. Eu espero que vocês tenham gostado. E, mais uma vez, eu agradeço a oportunidade e deixo aqui um convite, um desafio e um presente. Eu me disponho a falar para professores da rede pública, se quiserem me chamar, para a gente falar com a educação. É muito importante. Eu sei que deve ter professores. Cadê os professores aqui presentes? Deixa eu ver. Olha! Mas era interessante. Eu já fiz isso na Prefeitura de Osasco, falando para todos da rede municipal. Me ofereço, está aqui de presente, se quiser, para fazermos mais um encontro, porque precisamos cada vez mais investir na comunicação dos nossos filhos. Afinal, a comunicação é um direito... Vamos falar juntos? Afinal, a comunicação é um direito de todos. Muito obrigada pela presença. Doutora Renata, permaneça na tribuna, por gentileza. Nós agradecemos então a apresentação da doutora Renata E nós informamos que durante as inscrições Foi disponibilizado um formulário para perguntas Mas devido ao grande volume que nós recebemos de perguntas para a senhora Todas as dúvidas foram devidamente catalogadas e serão direcionadas à doutora Renata, aos nossos demais palestrantes. As respostas serão enviadas individualmente por e-mail, garantindo que cada questionamento receba a devida atenção. Selecionamos uma pergunta de todas que foram direcionadas. Doutora Renata, quais são os sinais precoces que podem indicar a necessidade de uma avaliação para a TEA em crianças até os 24 meses? Ótima pergunta, pensando numa criança, nos seus primeiros mil dias. Muito bem. A criança, eu preciso perceber se ela não faz um contato visual. Um bebezinho, ele já começa a fazer um contato visual. Se ele não tem interação, um bebê de dois meses, ele interage, já sorrindo. Muitas vezes, antes de um ano, Às vezes, a família fala até que ele fazia tudo isso, mas ele perdeu. Opa, outro sinal. A gente chama de red flag. Então, são sinais para ficar atentos. Então, contato visual, perder habilidades, não ter interação com quem está falando, parece que está te olhando atravessado, não se interessa por coisas que normalmente os bebês se interessam. Essa falta de interação Muito choro Muita desorganização Com questão de sons, de ruídos Às vezes até do toque Uma criança aqui Ela chora demais Estes são alguns sinais Eu não estou dizendo Que quando tem esses sinais Tem o diagnóstico São alguns sinais de alerta Para essa família E o desenvolvimento da fala a gente espera que a criança já esteja falando entre um ano a um ano e meio. Com dois anos, essa criança já esteja falando umas 200 palavras. Então, se tem essa ausência desta comunicação oral, essas primeiras palavrinhas, eu também já tenho ali

um sinal de alerta. Lembrando que são só sinais para poder procurar uma ajuda, mas sempre é necessário a estimulação, o mais precoce possível, desde bebê. Muito bem. Nós vamos abrir espaço agora para algumas perguntas do público que está aqui presente. Temos tempo para aproximadamente umas três perguntas, então gostaria que levantasse a mão quem gostaria de fazer alguma pergunta agora para a doutora Renata. Além da senhora aqui na frente, mais alguém? Gostaria que já levantasse a mão Três pessoas, a senhora do lado E mais alguém Pode falar seu nome, por gentileza Então, doutora, o meu nome Põe bem pertinho da sua boca O meu nome é Valdinice, eu tenho um filho Chamado Lucas, ele é Não verbal E 36 anos, ele não fala Só que ele sabe tudo Conhece tudo, muito esperto Fala mamã Quando ele precisa Agora, bui, bui, eu não sei o que é. Certo? Eu gostaria de saber, já que ele é esperto, entende tudo, por que não fala? Eu vou te responder, mas preciso te fazer uma pergunta. Ele teve intervenção fonoaudiológica? Teve avaliação e está em tratamento? Terapia ocupacional, fonoaudióloga. Até enquanto eu pude pagar, eu fiz. Depois, ele entrou em escolas. Na minha cidade, ele era aluno da APAI, foi Angatuba, foi feito tudo... Mas você sabe me dizer o tempo que ele teve o suporte fonoaudiológico? Seis meses, três meses, só dois meses? Quanto tempo, mais ou menos? Lá ele começou de dois meses, foi até nove anos. Ele não tem seis anos? Hoje, 36 anos. Ah, ele tem 36 anos, ele é um adulto. Um adulto, Lucas, muito lindo. Então, mas ele fez pouco terapia fonoaudiológica. Então, assim, ele compreende a comunicação, a gente viu dois tipos de comunicação, mas existe a comunicação compreensiva e a expressiva. A compreensiva dele é boa, então quer dizer que ele entende muito bem, mas a expressiva não. Como ele tem 36 anos, você me relata que ele teve pouco suporte específico específico fonoaudiológico. Então, a minha justificativa para você é que faltou esse apoio, não estou julgando, ok? E eu não tenho como dizer o porquê, porque eu não avaliei. Mas eu posso te afirmar, se ele tivesse tido esse suporte, ele estaria melhor. E eu queria te pedir para não chamá-lo de não verbal, porque a senhora acabou de me dizer que ele fala. Então, aí, por ele não se comunicar com frases, então... acaba se chamando de não verbal. E assim eu falo quando pergunto. 36 anos, não tem verbal, autista, grau 3. Foi só uma provocativa para dizer para não desistir do diálogo com ele, porque ele merece, mesmo que esteja com 36 anos, ele merece convivência. E, quando não desiste dele, daqui a pouco começam algumas palavras. Talvez a gente não consiga uma fala fluente como gostaríamos, por causa da poda neural. e, muitas vezes, já se acomoda nessa comunicação não verbal, que deve ser muito boa a comunicação não verbal, porque a senhora falou que ele entende tudo. Então, ele se expressa. E estou à disposição, depois, se quiser conversar mais especificamente. Obrigada, doutora. Obrigada pela participação. Próxima pergunta. Boa noite. Meu nome é Daiane, sou mãe de cinco filhos, dois deles são neurodivergentes, eu também sou uma pessoa neurodivergente. Eu tenho meus dois filhos, como eu disse, que são atípicos. Dentre eles é o Lucas. Acho que a dificuldade que eu entendo do Lucas na fala é que ele fala muito rápido. E, devido ao TEA, TDAH, que ele é parecido comigo, quando a gente pergunta o que ele falou, ele já se desregula total. E eu já o levei em fônus, só que fui descartada. Eu acho que a gente que é mãe atípica, que sobrevive do SUS, isso é muito de questão de saúde que a gente não tem qualidade na saúde, eu acho que é muito relevante falar isso, então eu levei ele até o fono, só que o fono dispensou ele justamente a fala foi essa ele entende, ele sabe o que é, só que eu falei, mas talvez não seria bom, interessante fazer talvez um diagnóstico mais elaborado sobre isso, porque isso, querendo ou não, atrasa o desenvolvimento dele na escola no social. E eles falaram que não, que era comum, que talvez seria por causa do TEIA

também, do TDAH. Mas, enfim, talvez eu vim aqui porque me interessa muito pela causa. Sou uma ativista da causa, não teria nem como não ser. Mas é um assunto que me preocupa bastante, porque o Lucas é muito mais introspectivo do que a irmã dele. E eu vejo que essa habilidade da fala. Eu me encantei muito pela sua palestra. Eu gostaria que a senhora viesse para a SICAP e divulgasse bastante para chegar a mim e para me vir novamente. Então, eu gostaria que a senhora poderia me dizer hoje que eu poderia ajudar o Lucas, já que o poder público não me ajuda. Eu entendo. Essa é uma necessidade de muitos. Mas a importância do trabalho fonoaudiológico, fonoaudiólogo, ele trabalha muito essa interação. Existem algumas abordagens diferentes de alguns fonoaudiólogos, mas a sua maioria trabalha muito a interação. Então, o seu filho necessita. Lembra quando falei de estimulação e tratamento? A estimulação é até dois anos de idade. Depois, ele vai precisar de tratamento, como até o caso de adultos. Porque olha que importante é os dois anos. Eu posso reverter uma necessidade. Agora, depois disso, preciso deste apoio, buscar a rede privada, buscar faculdades, ONGs, outras instituições, parcerias, vaquinha com a família para poder pagar um tratamento. Vale a pena investir. Por quê? Você acabou de escutar uma abordagem fonoaudiológica. Então, de não desistir. Eu já estimei uma criança que tinha uma parte do cérebro. Uma parte. Não andava, não falava, não comia, usava gastro. E o convênio, nessa época eu trabalhava com convênio, ele permitia... Na verdade, não. Foi uma liminar e foram atrás de mim, queriam que eu atendesse o caso. Foi isso. E aí era só para trabalhar a estimulação de engolir saliva. Aí eu falei assim, ok, vou trabalhar isso, mas eu não posso trabalhar só isso. Não, mas não pediram para trabalhar a fala, porque ele não vai falar. Eu falei, de jeito nenhum, eu vou trabalhar a deglutição e vou estimular a linguagem. Como assim? A fala, ele não vai falar. Não importa, porque ele tem o direito de receber uma estimulação que todas as crianças recebem. Cantar musiquinha para ele, contar história com livrinho, Fazer uma voz grave e aguda Então eu já te dei umas dicas aqui Aproveita essa mudança de voz A forma desse diálogo É investir na interação Você como mãe E existem alguns recursos Eu não sei se eu posso falar aqui Vereador do meu programa Eu não sei se eu posso mencionar O meu programa Eu tenho um programa Tem um custo, mas perto do benefício que ele te oferece, que é o programa Orienta a Mamãe, para as mães estimularem a fala da criança em casa. Não substitui a terapia fonoaudiológica, mas dá um apoio para a família. E lembra que eu falei da estimulação e o tratamento? Eu tenho muitos pais que fazem o tratamento e fazem o meu programa, até porque quem atende a mãe? Eu atendo as mães. Eu me preocupo com as mães. Vocês viram que o meu discurso é muito maior aqui para a família? Porque o milagre acontece em casa. Agradecemos imensamente a doutora Renata. Muito obrigada. Caso alguém tenha mais alguma questão, doutora Renata ficará à disposição durante todo o evento. MUITÍSSIMO obrigada. Nós tivemos uma pequena alteraçãozinha para que possamos aproveitar. Nós temos aqui, vimos a palestra da doutora Renata, excelente. Temos mais dois palestrantes pela frente, que também terão palestras bem interessantes. Então, ao invés de pararmos agora para o intervalo do café, nós vamos seguir com as palestras. E paramos no final do evento, está bem? Então, seguiremos agora com a segunda palestra da noite, com o tema Barreiras Invisíveis e Avaliação Biopsicossocial no TEA Adulto. Ministrada pela palestrante Rebeca Pascoal Padula, psicóloga, mestre em educação e gestora na área da saúde Ela atua desde 2017 na coordenação de equipes multiprofissionais em reabilitação, com experiência na organização de serviços e no cuidado de pessoas com deficiência Atualmente, ela coordena o Centro Especializado em Reabilitação desenvolvendo ações voltadas à inclusão, avaliação

biopsicossocial e fortalecimento da participação social. Ela também atua como palestrante e formadora em temas relacionados à liderança, saúde, neurodesenvolvimento e inclusão. Vamos receber, então, a senhora Rebeca Pascoal Padula, por gentileza, a tribuna é sua. Boa noite a todos. Deixa eu regular aqui que eu sou... Boa noite. Para me localizar, eu estou com a camiseta do CRP, da campanha do ano passado, que está escrito em azul, e está escrito CRP. Vidas visíveis. Apoiar a inclusão é gerar reconhecimento. Foi uma campanha que a gente fez o ano passado. Estou de blazer preto. Tenho o cabelo encaracolado, com luzes. Estou com uma calça bege, um sapato preto. Meu sinal em libras é o R, aqui, com o cabelinho cachado. Confesso que vai ser muito difícil ficar atrás desse microfone, assim como a doutora, a gente gosta de andar. Mas vou conseguir. Não é fácil, mas vou conseguir. Mas, para conseguir, vou tirar o sapato. A gente tenta, mas não dá. Vamos lá, então. Bom, o tema... Conversando com o André, o André trouxe... Quero agradecer muito ao André por estar aqui mais uma vez. Teve um ano em que participei, já em setembro, em que a gente falou sobre avaliação biopsicossocial. E agora, novamente, trazendo esse tema e falar um pouquinho sobre o autismo na vida adulta. Eu vou falar um pouquinho sobre os diagnósticos tardios, vou falar sobre essa demanda que tem surgido. E eu achei um pouco complexo, porque bem na semana da maior polêmica do Roda Viva da semana, eu falei assim, olha o que o abençoado do André me enfiou. Eu tenho certeza que alguém vai fazer alguma pergunta e eu estou me preparando, porque tem coisas que a gente concorda, mas tem muitas que a gente discorda. Então, vamos lá. Então, o desafio invisível... Ah, e eu preciso também falar uma coisa. Gabi, cadê o PECA, mãe? Saiu com o Tito? Tá. Eu quero agradecer a minha família que veio, estão a honrar os meus pais, estão com o meu filho agora, a minha irmã que está aqui, que acho que é a primeira palestra que minha irmã vem assistir. Então, eu quero agradecer por vocês estarem aqui, por esse apoio. Porque eu sou uma pessoa que construí princípios e honrar a família é muito importante na nossa vida. Porque a gente só está onde a gente está porque alguém, como disse a doutora, não desisti da gente. E o desafio, então, vamos começar, porque eu falo bastante, todo mundo sabe. Então, vamos lá. Os desafios invisíveis do TEA no adulto. Do diagnóstico tardio à transformação. Vamos aprender a mexer nisso aqui. É aqui, gente? É para apontar para lá? Calma, gente. Aí, foi. Bom, só rapidamente, então, eu sou psicóloga, coordenadora, já se falou um pouco, eu tenho mestrado em educação também, trabalho, então, nas estratégias. O centro de reabilitação, a gente começou lá, a equipe com 20 funcionários, atendendo 200 pacientes com demanda física, intelectual, múltipla. Hoje, nós somos um CER, um Centro Especializado em Reabilitação, modalidade que é importante a gente colocar isso, que é a modalidade 2, físico e intelectual, e também atendemos os autistas maiores, adolescentes. Atendemos também secola de AVC, traumatismo cranioencefálico, lesão medular e outras demandas. A gente também tem um convênio com o município para atender 200 autistas de 0 a 6 anos. É um convênio que nós temos de zero a seis anos apenas. Eu sei que é insuficiente, mas é o que temos para hoje. E também nós temos o atendimento de prematuros de zero a três anos. Hoje nós temos uma equipe com 50 funcionários e nós temos 745 pacientes e 11 municípios que nós atendemos. Eu também sou professora na Anhanguera, na docência, na psicologia. Já administrei aulas de psicopatologia, psicologia hospitalar, clínica ampliada, psicanálise. Também já trabalhei com... Hoje estou dando aula de bases biológicas do comportamento. Trabalho, então, na atuação, na formação. Tenho uma trajetória de liderança, neurociência, enfim. Só um pouquinho. Então, vamos lá. Quantas pessoas chegam à vida adulta com a sensação de que existe algo errado

com elas? Mas ninguém nunca conseguiu explicar o que é. A gente vive um momento. As pessoas questionam muito. Está um monte de autista. E aí acabam falando coisas sem ouvir. A gente precisa aprender a ouvir o sofrimento humano. E quando a gente fala de sofrimento, a gente tem que sair do lugar do que é nosso. Para dar conta de ouvir e ter a empatia. E ouvir o que é o lugar do sofrimento do outro. E aí começa o processo de a gente entender quem é. O profissional da saúde sabe que a gente precisa começar. É aí que a gente tem que se despedir de todo conceito e preconceito. É todo conceito e preconceito, porque não é sobre a sua história. Eu gosto muito da frase do Jung, quando ele diz que conheça todas as teorias, mas, na hora de você tocar uma alma humana, que você seja outra alma humana. E eu percebo que hoje está faltando humanidade em nós. Eu acho uma incoerência absurda a gente falar sobre humaniza-sus. Porque a gente está atendendo o quê? E.T.? A gente não está atendendo humanos? Por que a gente tem que humanizar uma coisa que já era para ser humanizado? Então, eu tenho algumas... Todo mundo sabe, quando eu chego no lugar, todo mundo já sabe, o André também, todo mundo sabe. Já chegou a pessoa que vai polemizar, e eu vou mesmo. Porque a gente precisa ter um pouco mais de reflexão de algumas coisas. Então, o sofrimento existe na fase adulta, sim. O autismo existe, só que ele não foi nomeado. Ele foi passando e o sofrimento vai aumentando. E o que eu gosto de pensar quando vou dar aula de psicopatologia e quando vou falar sobre transtornos mentais? Porque o TEIA é um transtorno do espectro autista. O TEIA está dentro da categoria de transtorno. No Brasil, nós temos uma lei que equalizou o autismo como deficiência. Nos Estados Unidos, falamos que pessoas com... Acho que deveria acontecer isso aqui também. Pessoas com depressão, pessoas com pânico, lá se chama deficiência psicossocial. Não sei por que cargas d'água, nesse país, fomos lutar cada um separado. Porque lá nos Estados Unidos, pegou todo mundo com transtornos mentais e todo mundo com deficiência e se uniu. aqui no Brasil a gente se separou porque eu sei o que é ver uma pessoa estou falando isso hoje a gente pode falar isso com mais com mais clareza e com risada né Gabi mas eu sei o que é ver uma pessoa 30 dias dentro de um quarto escuro só comendo polenta com transtorno de pânico aos 15 anos de idade estou falando da minha irmã que hoje tem uma loja que hoje tem uma condição que hoje tem uma outra vivência Mas eu sei o que é isso. E você vai dizer que isso não é uma condição de deficiência? Sendo que a lei brasileira de inclusão fala que a deficiência está relacionada a barreiras. Depois eu vou falar aqui. Então, a gente precisa começar a ter uma crítica um pouco mais social e entender que o sofrimento psíquico existe, que o transtorno mental existe e que o TEA no adulto existe. Ponto. É isso. E a gente precisa olhar um pouco mais de delicadeza para isso. Então, a vida sendo vivida em um modo de adaptação. Existe um custo emocional que não é compreendido. E aí, o que acontece muitas vezes no TEI adulto? Os diagnósticos que acontecem antes. Então, ocorre muitas vezes. Então, o diagnóstico do adulto raramente é o primeiro. Existe uma trajetória de diagnósticos antes. A gente começa muitas vezes com uma ansiedade, com uma depressão, com TDAH. O profissional avalia muitas vezes O sintoma isolado E não enxerga um padrão de funcionamento Eu estou falando isso porque eu já encontrei casos Onde a pessoa chega para mim e fala Eu tenho seis SIDS Como assim você tem seis SIDS? Porque na minha infância me deram um SID De transtorno sensorial Depois me deram um SID de TDAH Depois me deram um SID de Ah, meu pé Que meu pé é plano Aí deram um outro SID e aí eu tenho seis SIDS e aí quando você vai observar o padrão é um TEIA e aí você começa a falar assim então, vamos conversar um pouco sobre essa quantidade de números que você tem na verdade a

gente está falando de uma neurodiversidade e de uma condição não enxerga padrão e trata a consequência e não a base quando a gente vai falar de TEIA, a gente está falando de funcionamento é um funcionamento psíquico, é neurodiversidade a pessoa funciona de uma forma. E o que é interessante no autismo? É um espectro. Então, as pessoas, cada uma, são diferentes. Então, o autismo em um pode se manifestar de uma forma e mulheres é outro. Uma coisa muito interessante que aconteceu na nossa equipe é que, agora, quando chega uma menina suspeita, muitas vezes, porque a gente não sai fazendo diagnóstico muito rápido, às vezes é um processo diagnóstico. Eu entendo muito bem o que a Mayara falou. Porque, às vezes, também não é um diagnóstico que ele vem rápido, ele é um processo para acontecer. E a gente sabe o quanto que, em mulheres, esse diagnóstico é muito mais tardio ainda. Então, hoje, quando chega uma menina lá para nós, a gente fica assim, espera aí, vamos segurar um pouco, vamos estimular. Lembra do que a gente estudou sobre meninas? Então, vamos entrar, vamos fazer ali um cuidado, porque a gente tem que ter um olhar diferente para mulheres também. Então, os sintomas mais vivenciados, que é a ansiedade, pode ser sobrecarga sensorial, a desatenção, que pode ser um hiperfoco seletivo, então é muito visto como desatenção nesse adulto. O isolamento, que é visto como depressão, pode ser, na verdade, uma exaustão social, que é uma exaustão onde as pessoas não entendem, que é aquela que às vezes a pessoa sente quando a bateria acaba, Eu costumo falar que é como se A gente estivesse desintegrando mesmo O corpo está desmontando Parece que você fica em pedacinhos E aí você fala assim Dá para alguém me juntar? Juntar meus caquinhos? Porque eu não estou conseguindo E chuveiro quente às vezes é bom E coberta Põe umas três cobertas E aí é nesse momento que você está desintegrando Também você precisa do abraço Daquele abraço bem apertado E aí as pessoas não se sentem apenas diferentes Elas se sentem erradas E aí a mulher faz muito o quê? O masque O masque é como atuar o tempo todo É observar como as pessoas falam E se comportar e reagir e copiar É exaustivo É exaustivo O masque é uma coisa horrorosa E você fica o tempo todo mapeando E ensaia falas mentalmente É aquela coisa de Força o contato visual em algumas vezes, imita expressão facial, controla movimentos naturais. Então, o masking não é natural, ele é calculado. Então, eu fico o tempo todo... Não, espera aí. Essa aqui colocou a mão assim. Essa aqui deu a mão para mim. Como é que eu faço? Eu fico aqui assim. Fico assim. Muitas vezes, a pessoa fica muitas vezes perdida e faz masking. E o masking a gente percebe, a gente pega. Exaustão crônica, não é só estar cansado, é um cansaço que não passa com descanso, uma fadiga após interações sociais, uma sensação de colapso no fim do dia, dificuldade de manter uma rotina, uma irritabilidade sem causa aparente. A pessoa passa o dia funcionando e, à noite, desmorona. Muitos autistas acontecem isso. Tem um tempo que consegue... A pessoa fala... Eu falei esses dias que não dá nem para ficar... Falei com um amigo, falei assim, gente, mas não dá nem para ficar doente nesse Brasil, porque o psiquiatra é caro, a falhação neuropsicológica é cara, o remédio é caro. Aí você vai falar que é regalia. Deixa quieto. Regalia é um desconto do negócio. Você vai ter um desconto do quê? Gente, faz... Ai, gente. Vai. Sensação de inadequação. É quando isso acontece todos os dias. A pessoa começa a tirar uma conclusão sobre si mesma, de que tem algo errado com ela. Então, aí começa. Por que para mim é tudo mais difícil? Por que eu não consigo ser como os outros? Por que eu me esforço tanto e, ainda assim, não encaixo? E aí não é só uma diferença, é uma solidão interna. A pessoa, muitas vezes, trabalha, é funcional, mas aí ela fica naquele momento de solidão interna por muito tempo. Ela fica em questionamento. E isso gera sofrimento, gente. Isso gera

muito sofrimento. E hoje, no DSM, a gente conseguiu, de alguma forma, ampliar o espectro e aí conseguiu trazer mais pessoas. E eu não vejo isso como um problema, eu vejo isso como uma solução, no sentido de a gente conseguir levar mais conhecimento para as pessoas. E um conhecimento no sentido assim, cara, é assim, vamos lá, vamos entender como você funciona, vamos conversar sobre isso, vamos conversar sobre isso, vamos entender os seus gatilhos, vamos entender como que você... Então, se isso acontecer, o que você vai fazer? Vamos trabalhar no seu perfil, no seu desenvolvimento e trazer com mais leveza que a vida é uma vida que pode ser mais possível, sem tanto sofrimento, e que você não está errado. E aí eu queria falar também rapidinho, que vai ser aqui, que é o diagnóstico diferencial. Isso é uma briga muito... Essa é uma briga minha. que é o quê? E está aí a equipe, minha equipe está aí, tem algumas pessoas da minha equipe que sabem que é uma briga mesmo. Que é o quê? O diagnóstico diferencial. Então, é o olhar refinado e a responsabilidade clínica. Eu não vou citar nomes, mas não foi nenhum, nem dois, nem três. Já foram alguns casos ao longo desse tempo de que crianças com diagnóstico fechado de autismo chegaram até nós e são surdas. Surdas. Foram várias crianças já, surdas total. e foi feito um diagnóstico por um médico. Então, minimamente, essa criança já está com 4, 5 anos, 3, 4, 5 anos, em alguns casos, e passou por pediatra, passou por várias questões e chegou para a gente. E quem identificou? Foi o seu médico que identificou? Não, foi o nosso psicólogo treinado. Porque uma pessoa treinada em uma avaliação biopsicossocial, uma pessoa treinada em funcionalidade, ela não precisa ser fono, ela não precisa ser otorrino para identificar uma surdez. Ela identificou rapidamente, a gente já acionou o torrino, já encaminhou para o Bera, já fez um Bera de sedação e foi. Então, acho que esse olhar é muito importante para o nosso profissional de saúde. Eu gosto muito de uma frase, vou citar, parafrasear a Flávia, que é uma fono da nossa equipe, que é assim, a gente tem que ser especialista em desenvolvimento humano. E não só especialista em TEI, especialista em síndrome de Down, especialista em uma coisa. A gente tem que ser especialista em humanos. Porque, quando você é especialista em humanos, você consegue entender ali o desenvolvimento e dar o suporte que aquela pessoa precisa. Padrões ao longo da vida. Então, a gente tem que fazer análise do desenvolvimento. É muito importante falar que tanto o TEIA quanto o TDAH são transtornos que precisam ter tido questões na primeira infância. Então, você não consegue fechar um diagnóstico de autismo na vida adulta se ela não for investigada e não ter tido resquícios ou questões ali no desenvolvimento infantil. E o que acontece também, acontece padrões ao longo da vida, acontece social, cultural. E eu queria falar rapidamente sobre essa questãozinha aqui, que é a superdotação e altas habilidades. A superdotação é uma questão que tem aparecido em Piracicaba, a gente já tem discutido, a gente veio conversar aqui, porque eu estou sempre enfiada em tudo, E aí a gente já veio conversar aqui eu com a Adelita, que acho que ela está online assistindo, que nós viemos conversar com o André, já tem reuniões marcadas com a Secretaria de Educação, que é o quê? Nós temos a superdotação e as altas habilidades. São pessoas que têm um QI a mais, mas não é só a inteligência que a gente avalia, não é só o QI. Nós temos também questões relacionadas a questões psicomotoras, que são os movimentos. A gente tem a questão emocional, que tem uma questão de uma intensidade muito grande, tem dificuldade de lidar, por exemplo, com injustiças. Nós temos também... São cinco excitações que a gente fala a partir do Dramblós, que é motora, psicomotora, sensorial, imaginativa, que é uma imaginação extremamente fértil, e criatividade também. A gente também tem a questão da... Tem mais duas que agora eu esqueci. Linguagem e a questão...

Vou pegar aqui, depois eu falo. São cinco pontos que a gente fala da superdotação. E aí existe a dupla excepcionalidade. Às vezes, vem um diagnóstico de autismo e você fica assim... Parece que não é só autismo, tem alguma coisa aqui junto. Ou então vem o diagnóstico de superdotação e você fala que parece que não é só superdotação, tem alguma outra questão aqui. E aí a gente tem, então, a dupla excepcionalidade, que é onde você coabita entre TEA e altas habilidades, TEA e TDAH, TEA e outros transtornos ou outras comorbidades. A gente tem só TEA? Tem. Mas a gente também é muito acompanhado. E, na vida adulta, acaba chegando primeiro a ansiedade, acaba chegando primeiro o TDAH e depois o TEA. Então, você vai tendo que lidar com essas questões. Achei. Ainda bem que tenho tudo aqui. O emocional, a imaginativa. O intelectual, que é superdotado, tem um pensamento arbóreo e não um pensamento linear. Então, ele tem uma capacidade de conectar muitos assuntos ao mesmo tempo. O sensorial e a psicomotora. Pronto, falei os cinco pontos. E a gente era para ter em torno de mais, pelo que a Adelita estava fazendo, a contagem, de mais de 20 mil pessoas, mais ou menos, em Piracicaba. E a gente não chega nem a 5 mil. Então, a gente identifica que a gente tem uma galera com diagnóstico de TDAH, com diagnóstico de TEA, e, na verdade, a gente está falando de superdotação, ou vice-versa, ou dupla excepcionalidade. E aí, vou falar rapidamente, eu não sei meu tempo, e aí eu vou falar rapidinho sobre a avaliação, então, da pessoa com deficiência. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão, a 13.146, a pessoa com deficiência ela tem que ser avaliada então a pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual em interação com uma ou mais barreiras podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condição com as demais pessoas então a avaliação, e aí que eu acho maravilhoso e que ninguém interpreta a lei e que eu mando relatório para o juiz com a lei associada A avaliação da deficiência é quando necessária. Já começa aí. Então, para mim, não entra na minha cabeça esse negócio de ficar renovando o laudo, de ficar tudo bem que o autismo ganhou lá no Senado. Mas a gente está falando que tem uma galera que tem que ficar renovando o que é pessoa com deficiência para conseguir o cartão para ir no ônibus para ir para a terapia, gente. Isso, para mim, não entra na minha cabeça. Porque a deficiência, quando necessária, Ela será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará os impedimentos nas funções e nas estruturas de corpo, os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais, a limitação no desempenho de atividades e a restrição de participação. Gente, tem alguém aqui falando que é o CID médico que define a pessoa com deficiência? Por que a gente não está brigando por isso mesmo? E por que a gente está brigando por laudo? para garantir o professor escolar, para garantir direitos básicos? Por que a gente está brigando por isso e não estamos brigando por essa, o que está na lei? Gente, está na lei. Se a gente faz uma avaliação de funcional, a gente aplica a CIF, vou explicar o que é a CIF, aplica o FBR, está feito. A avaliação deveria ser considerada. E a gente está preso aonde? No CID. Eu não estou desconsiderando o CID, é trabalhar com os dois. Aí temos o quê? As barreiras. Nós temos as barreiras, elas são o quê? O entrave, o obstáculo, aquilo que atitude, o comportamento que limita ou impede a participação social. Então, temos o quê? Barreiras urbanísticas, que podemos pensar em vias, espaços públicos, privados, abertos ao público ou de uso coletivo. Então, podemos pensar na questão dos espaços. Autista não tem. Tem, sim. Tem dificuldades em alguns lugares, sim, dependendo de uma questão motora, tem. Barreiras arquitetônicas, barreira de transporte. Essa barreira de transporte é uma barreira... Não vou nem comentar, porque isso aqui é um

absurdo. Barreira na comunicação e na informação. Então, o que a doutora falou, a gente tem que garantir, sim, é um direito, está na lei, a comunicação. E ela é em qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulta ou impossibilita a expressão ou recebimento de mensagens de informação por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação. A gente precisa sempre continuar com a garantia da comunicação e, às vezes, a gente tem que sim trabalhar e focar em comunicação alternativa, comunicação suplementar, e a gente tem que sempre, cada vez mais, buscar isso. A gente tem barreiras atitudinais, atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com demais pessoas. Então, por exemplo, assim, gente, eu não suporto. Vou falar. Ai, gente, mas ele é ótimo. Ele não é autista, ele é ótimo. Gente, isso é capacitismo. Como assim? Ai, ele é ótimo. Então, ele... Ai, mas você acha que ele é autista? Mas ele é ótimo. Ai, você acha o vereador? Gente, ele é vereador, ele é ótimo. Ele não é autista. Ai, mas ele é tão inteligente. Ai, mas você é muito bonita para ser autista. Não dói escutar isso na orelha? Não dói? Quem doeu aí? Até eu falar doeu em mim? Por que a gente... Ou aquela coisa assim, quando a gente chega... O André já verbalizou, falou do acidente dele, mas é aquela coisa, a mesma coisa que chegar para o André e falar assim, nossa, você está assim por quê? Você nasceu assim ou é acidente? Que interessa? Isso é uma barreira atitudinal, isso é capacitismo, isso é preconceito. Eu gosto muito de usar esse exemplo. Você está no McDonald's, você está em um lugar, você está comendo em um lanche. Aí vem uma criança que está fazendo um flap, porque ela está comendo a batata frita dela, ela está comendo ali, ela está superfeliz. E aí sempre tem aquele povo... Comunicação não verbal da doutora. Credo! Nossa, a mãe não dá educação. Ai, que não sei o quê. Gente, vamos deixar as pessoas serem felizes nesse Brasil? A pessoa não pode fazer um flap... Ai, mas é feio a criança ficar pulando, que não sei o quê. Na verdade, ele está mostrando uma manifestação, ele está se comunicando, dizendo que está feliz. E, na verdade, você que é uma pessoa amarga e não consegue ver os outros serem felizes, o problema é seu, vá procurar uma terapia para você entender a sua amargura e por que você pode ser feliz nesse mundo. Ou você acha que o autismo, as pessoas com TELAS não vieram mostrar para o mundo algo que a gente não está aprendendo a enxergar e a ouvir. O autismo veio trazer para a gente uma leveza que a gente não está conseguindo enxergar. Eles veem coisas, eles falam coisas, eles transmitem conhecimento de uma forma que nós, enquanto sociedade, não estamos conseguindo captar. Então, é a gente que precisa mudar. Barreiras atitudinais. Barreiras tecnológicas, os que dificultam, impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias. Isso a gente também tem bastante. Aí nós temos também A avaliação que transforma o modelo biopsíquico social. Gente, a gente precisa entender que o modelo médico-reabilitador existe ainda, ele passou por um tempo, que é o CID, que é as doenças. Eu não estou desconsiderando, é importante, sim. Nós entendemos o CID da pessoa, porém, a gente precisa entender, a partir da 13.146, Ela é de 2015. Esse ano, vamos fazer 11 anos dessa lei. Então, a lei fala do modelo da avaliação biopsicossocial. Não é só o diagnóstico, é entender como a pessoa funciona, onde estão as barreiras, quais são os apoios necessários. A CIF, estudamos a estrutura de corpo daquela pessoa. Então, chegamos com a família, como a família vê aquela pessoa, como o profissional vê aquela pessoa. A gente monta uma tabela, a gente faz comparativos de como a família vê. E não é... Mas a família está errada. Não tem nada disso, não existe esse negócio. É bem o que a doutora falou. Família, nós, União, vamos nos juntar. Então, a gente coloca... A família vê essa forma. O profissional de saúde está

identificando isso. Quais barreiras? Quais atividades? Vamos entender isso. E a gente faz todo um panorama. Hoje, nós já temos o IFBR, que é o Índice de Funcionalidade Brasileiro, onde a gente trabalha sete domínios. Nesses domínios, a gente vai identificar quais questões que precisam ser trabalhadas. Então, a gente fala de domínio sensorial, a gente fala de domínio de comunicação verbal, de AVDs, de participação social, de escolaridade. Então, você consegue ver aquela pessoa na sua singularidade. Então, porque uma paralisia cerebral nunca é igual a outra, um autista nunca é igual ao outro. E aí você consegue, então, olhar para a singularidade a partir da funcionalidade. E, antes, aquela coisa, o que você tem é para como você funciona e do que você precisa. Às vezes, o que a gente mais precisa fazer é aprender a ouvir. Ouvir as demandas da família, ouvir as demandas daquela criança, ouvir... Eu gosto muito de pensar... Ali no desenvolvimento, eu estava atendendo uma criança ano passado e a gente estava ali brincando. E aí começou a... Legal. E aí começou... Aí começou a empilhar ali as peças de madeira, setorizar para o cor. E aí aquela coisa, eu sou meio emocionada, porque eu sou meio intensa, o SD e as altas habilidades que habitam em mim. E eu comecei assim, nossa, que da hora! Eu quero fazer manifestação artística aqui, não dá. Nossa, que da hora, cara, que legal que você está fazendo isso aqui, vamos lá. E a gente começou, tal, tal, tal, tal, e aí a mãe, ai, você viu? Ele faz, como é que fala o negócio, gente, empeliramento, pareamento, obrigado, Flávio, os universitários me ajudam, faz pareamento, falei, é, que legal, né? Aí ela, como assim legal? É, isso aí é uma coisa do autismo. Vai ser gerente do atacadão essa criança aqui, porque quem que não vai querer um funcionário como ele, com toda essa organização Toda essa forma O cara é incrível Tudo bem que é uma criança ainda Não tem ainda esse pensamento Porque não se projeta Não se pensa que vai crescer Vai trabalhar, vai casar Você fica assim Nossa, nunca parei Olha isso aqui, que incrível Nossa, em casa ele é assim também Ele é organizado, ele trabalha Ele divide por brinquedo Ele faz assim, ele categoria E por que não? Gente, nós estamos perdendo um dinheiro... Nós estamos perdendo um dinheiro violento nesse Brasil, porque a gente não está... Porque a gente está com tantos preconceitos nesse Brasil que eles... Gente, a pessoa autista tem um pensamento, uma forma, um raciocínio que eles sentam e eles organizam. Eu vou falar para você, porque no meu serviço tem um monte de funcionários que só estão fechando os laudos agora e que, gente, a minha vida mudou porque agora estou planilhada. A minha vida muda. Porque não é uma organização. E por que a gente não potencializa? Por que a gente sempre tem que ficar... E aí que entra a funcionalidade. A gente sempre fica olhando o que falta. E a gente está perdendo pessoas. Nós, enquanto sociedade, estamos adoecendo porque a gente só fica olhando o que falta. Eu não estou falando sobre as dificuldades, porque elas existem em muitas. Só que, se pararmos em debruçar só da família, no caso aqui do adulto, só da família, da esposa, dos filhos, só de quem está em volta ali, e expandirmos isso para uma sociedade mais inclusiva, a realidade muda. E aí, do rótulo à reconstrução. O diagnóstico não é um fim. Ele é um ponto de reorganização da identidade. Traga a maternidade atípica, se quiser conectar, nomear, aliviar, entender, transformar, apoiar. A gente precisa trabalhar essa maternidade atípica. Muitas vezes a gente trabalha com peso. A gente trata... A Camila está aqui do Alma, as meninas do Pipa também. A gente trabalha com pessoas com deficiência. A gente vê o quanto as mães estão sobrecarregadas, elas cuidam sozinhas, elas estão isoladas. O quanto nós, profissionais, precisamos trazer essas mães mais perto de nós. A gente está perdendo, literalmente, a gente está perdendo mães. Eu tenho mães que estão tendo AVC pela sobrecarga. A gente precisa olhar com mais carinho essa maternidade. Estender, transformar

e apoiar. E aí, estou finalizando já, quando a pessoa entende a sua forma de existir, ela para de tentar se consertar. E ela começa a se construir. A gente para de querer ficar consertando. Durante muito tempo, a pessoa com deficiência foi vista como quebrada. Eu gosto muito do símbolo novo do autismo, que é aquele símbolo do anel, do infinito, que não tem uma quebra de cor. A cor é uma continuidade. Eu gosto mais desse do que do quebra-cabeça. Porque o quebra-cabeça dá uma ideia do quê? De que está quebrado, de que tem alguma coisa faltando. O infinito é o quê? Ele é contínuo. Então, a pessoa não está quebrada, você não está faltando. A pessoa autista não está faltando. O adulto autista não está faltando. Ele só precisa ser visto na sua potencialidade, na sua funcionalidade. A gente precisa fortalecer. Eu falo a gente porque estou puxando para nós, enquanto profissionais da área da saúde. e também professores aqui que nós temos, que, sem vocês, a gente também não trabalha. Eu gosto muito... Como o meu pensamento é arbóreo, o meu pensamento é em rede, eu brinco que falo assim, mas não faz sentido. Mas por quê? Aí eu fico assim, mas por quê, Flávia? Não faz sentido. Mas não dá para fazer se não for rede. Se a gente não criar uma rede, não vai. É uma rede. E eu posso falar uma coisa, Se essa rede não é criada, o elo mais fraco, quem mais sofre é a família. E a gente vai continuar vendo mães se matando. A gente vai continuar vendo crianças morrendo. Porque é isso que a gente está vendo. Então, que a gente possa sair daqui essa noite provocados. Porque a luta continua. Tem muita coisa para a gente fazer. Tem muito apoio para a gente criar. E eu quero fazer uma provocação, porque, senão, não é eu. Estou incomodada com o Piracicaba, vereador e a Secretária da acessibilidade, porque a gente só está falando do autismo nessa cidade. E estou muito incomodada. Tudo bem que o André faz mais provocação. Já falou da fibromialgia esse ano, já fez a da epilepsia esse ano também. É só ele que provoca, mas vou provocar todo mundo. Porque a gente precisa falar de todos A gente tem que falar também do autismo Na síndrome de Down Porque nós temos E muitas vezes só vê a síndrome de Down E não vê o autismo na síndrome de Down A gente precisa falar da superdotação A gente precisa falar da paralisia cerebral A gente precisa falar dos três Ai meu Deus do céu, vou me complicar Dos três anos que demoram para uma cadeira de rodas A gente precisa falar das outras deficiências também A gente precisa se unir Porque o autismo a gente já percebeu que ele tem muita força nesse Brasil então eu acho que eu quero um apelo já que está gravando eu quero um apelo para os autistas ajudem as outras deficiências porque vocês conseguiram muitas coisas então vamos começar a ajudar todo mundo a gente precisa também falar do surdo a causa surda também a gente fala muito pouco e agora também vou encerrar minha fala as doenças raras e degenerativas Aqui na cidade, só no centro de reabilitação, já estamos com 28 casos de doenças raras e degenerativas. E precisamos falar deles também, porque são famílias que estão sofrendo. E escolas que também precisam de apoio para atender. Bom, é isso. Quando a pessoa entende sua forma de existir, ela para de tentar se consertar e começa a se construir. Essa é a minha fala. Muito obrigada. Nós agradecemos à senhora Rebeca por essa apresentação. Permaneça, por gentileza, na tribuna. Nesse momento, nós vamos fazer a pergunta, Rebeca, que foi feita por uma das participantes que fizeram inscrição. Além da maternidade atípica, eu também descobri que sou TEA e queria saber da Rebeca como eu posso lidar com os meus filhos, como eu posso lidar com o meu diagnóstico. Antes era difícil Agora eu sei que tem um motivo Como eu consigo ser uma mãe melhor Sendo TEA e TDAH Parando de se cobrar Só isso Parando de se cobrar A gente precisa parar de cobrar Eu brinco que quando a gente engravida Eu tenho meu filho, o Tito A gente engravidou Mas vem um saquinho de culpa junto

Aí tudo que acontece Você acha que é culpa sua Tudo, absolutamente tudo Aí o filho caiu lá na escola Você já acha que a culpa foi sua Mas por que eu mandei ele para a escola hoje Se ele ia cair na escola Então a mãe carrega uma culpa muito grande A mãe atípica carrega uma culpa maior ainda Então Aprender a viver Na sua singularidade Porque a maternidade não tem jeito certo e errado de ser A maternidade é construção Na relação com a criança E na relação Com aquele ser humano Que está ali Então, se a gente diminuir a culpa, a gente já consegue avançar muita coisa. Mais alguém quer falar? Vamos abrir agora para algumas perguntas aqui do público presente. Levante a mão, por gentileza. O cerimonial vai levar o microfone. Boa noite a todos. Queria só compartilhar uma experiência que tive. Se a Rebeca puder confirmar uma coisa para mim. Na verdade, foi uma experiência ruim. Eu trabalhei em uma empresa por nove meses e entrei nessa empresa através da prefeitura do Polo de Empregabilidade Inclusiva, que é um programa de vagas específicas para a PCD. Entrei nessa empresa com o PCD. E, diferente de muitas empresas, no ambiente de trabalho dessa empresa toca música. Só que não é uma caixa pequena espalhada pelo armazém. numa música baixa. É uma caixa de som e eles têm uma ideia muito errada de que tem que ficar em uma altura para o armazém todo ouvir essa música. Lógico que alguém ia ser prejudicado. Isso eu descobri lá, porque fui diagnosticado com a pessoa autista nível 1 em 2024. Então, aos poucos, eu estou me conhecendo. Mas isso começou a me incomodar muito. ao ponto de eu não conseguir mais fazer as atividades que eu estava fazendo. Não conseguir mais trabalhar. Por nove meses, eu tenho que conversar com coordenadores e gestores para, tipo, sugerir, em uma parte do armazém, toca baixo só para eles ouvirem. Depois, na outra parte do armazém, toca para as outras pessoas ouvirem por um tempo. Só que eu não fui ouvido. Eu tive que escolher me desligar da empresa pela minha saúde mental. Só que, ao longo das conversas que tive com outras pessoas que acharam isso um absurdo e concordaram comigo, acho que é a empresa que teria que ter dado condições para eu trabalhar naquele meio de trabalho. Acho que realmente o problema não era eu. Você não podia usar nem abafador? Olha, é assim que acontece. Eles até cogitaram isso. Só que acontece. Eu tive crise de pânico Meu Deus É horrível De domingo para segunda Um dia lá Não consegui dormir, chorei a noite toda Tanto que eu peguei testado no outro dia Para não ir trabalhar Cogitaram essa questão Só que assim Não ia resolver a causa do problema Porque a causa do problema Era a música do meio de trabalho Até o coordenador perguntou para mim uma vez, o que te incomoda mais? Um funk? Uma música que você não gosta? Ou uma música que você gosta? Baixo, por exemplo. Eu falei para ele, não vai fazer diferença, qualquer uma vai incomodar. Porque, dependendo da altura... A sua sensibilidade é auditiva. É, o diagnóstico foi intelectual. Mas o que acontece? A terapeuta, em que eu estava tendo sessões, falou para mim que eu tinha uma sensibilidade muito maior por ser uma pessoa autista do que uma pessoa normal. Por isso, me incomodou tanto. Então, é assim, eu realmente acho que é a empresa que deveria ter pelo menos ouvido as minhas sugestões. Porque o supervisor de operações ouviu. Até cheguei a separar anotar 12 bandas nacionais e começar a separar músicas dessas bandas que eu acho que seriam adequadas lá para o meu trabalho. Ele falou, traga para mim. Só que o gestor, o Rafa, que eu acho que ele não tem nenhuma atitude de gestor, falou o seguinte, eu não quero que ninguém faça seleção de música com relação a isso. Ele falou, fale para mim a banda de música que você gosta que a gente coloca. Só que fazem uma seleção. E, no meio dessa seleção, mesmo com a banda que eu gosto, pode ser uma música que não seja adequada. No caso, foi um período bem complicado. Tive que escolher pela minha saúde

mental para não ficar lá. Agora estou tendo outras oportunidades para fazer entrevista em outros trabalhos. Vou fazer semana que vem. Mas acho que é questão da empresa mesmo. A gente precisa pensar... Hoje, no centro de reabilitação, a gente tem a empresa inclusiva lá, que é coordenada pela Andréia, e que eles têm feito com algumas empresas, inclusive, que têm chamado para ir lá para fazer adaptação. A gente tem também o banco de talentos. E é feito todo um estudo para entender os dois lados. Porque, às vezes, a empresa pode ficar se sentindo prejudicada e a pessoa com deficiência também. Então, é feito um trabalho onde você olha para tudo isso, identifica as barreiras. Então, é feito todo esse trabalho, como eu falei, das barreiras. E, a partir daí, pensar. Eu entendo que hoje a gente falta... Por isso que foi interessante trazer esse tema aqui hoje, porque a gente fala muito pouco sobre autismo na vida adulta. E a gente acaba não ouvindo esse sofrimento e não dando os apoios que muitos precisam. Então, eu entendo que faltou ali um pouco de diálogo. Com certeza. Tem alguma outra fala no slide lá que realmente eu me identifiquei. E, assim, serve de conhecimento para todo mundo. É isso. E a gente tem que continuar lutando. Agradecemos imensamente a sua participação. Em função do horário, nós vamos já encerrar essa rodada de perguntas. Novamente, a senhora Rebeca estará à disposição, caso mais alguém tenha alguma questão e queira tratar diretamente com ela. Vamos agradecer, então, essa excelente palestra que nós tivemos da senhora Rebeca Pascoal Padula. Seguimos, então, para a nossa terceira palestra da noite, com o tema Do Diagnóstico ao Plenário, a Trajetória e a Luta por Direitos. Essa palestra será ministrada pelo Jorginho Mota, primeiro autista a ocupar um cargo eletivo no Brasil, trazendo uma visão única sobre o papel do Legislativo. Ele foi vereador em Guarulhos, de 2021 a 2024, e reconhecido pela revista Autista, Autismo, como o primeiro parlamentar autista eleito no país. Com uma base familiar atípica, ele transformou a sua vivência em missão pública, alcançando quase 6 mil votos em 2024. É autor da Lei do Laudo Médico Definitivo para a TEA, um marco na garantia de direitos. Também criou a legislação que reconhece a fibromialgia como deficiência, uma referência nacional. Idealizou o primeiro centro de referência para o autismo do país, fortalecendo a inclusão. Criou a Patrulha da Inclusão para fiscalizar o atendimento em escolas e clínicas. Fundou o Espaço Azul, projeto com recursos próprios que atende gratuitamente centenas de crianças atípicas. Vamos receber, então, o senhor Jorginho. A tribuna é sua, senhor Jorginho Mota. Prometo que não vou demorar, que vou usar até um cronômetro. Boa noite, pessoal. Está muito fraco esse boa noite, só porque eu fiquei por último. Boa noite, pessoal. Eu vou começar fazendo a minha audiodescrição. Me respeito a quem tiver baixa visão e uma pessoa com deficiência visual estiver nos assistindo pela TV Câmara, vai poder entender que nós estamos respeitando a condição de deficiência dela. Eu sou o Jorginho Mota, sou um homem de estatura mediana, cabelos castanhos encaracolados, escuros, pele parda, estou usando um óculos de grau armação azul, Estou vestindo um costume cinza Com uma camiseta preta Pendurado no pescoço O meu cordão de quebra-cabeças Que indica que eu tenho Uma deficiência oculta Junto com o meu Ciptec A carteira de identificação da pessoa com transtorno de espectro autista Estou vestindo Uma calça preta Tênis preto da Vans Com detalhes brancos Eu sou autista nível 1 de suporte com um TAG, transtorno generalizado de ansiedade, com altas habilidades. Sou pai de um garoto autista com as mesmas características. Sou esposo de uma mulher autista que, de tanto eu insistir que ela era mais autista do que eu, ela foi buscar o diagnóstico. Bom, pessoal, é um prazer estar aqui. Queria saudar a todos os palestrantes, maravilhosas palestras, a gente aprendeu bastante, a gente pôde aprender na teoria e

também na prática um pouquinho do que a gente pode aproveitar para a questão do autismo. Queria saudar também o meu vereador, André Bandeira. Obrigado, André, pelo trabalho incrível que você faz, que reverbera não só aqui na Câmara Municipal de Piracicaba, mas também em todo o país, em todo o Estado de São Paulo, tanto que atingiu a minha cidade, que é Guarulhos, a segunda maior cidade do Estado de São Paulo. Antes de começar, eu queria fazer uma pergunta. Nós temos mães atípicas aqui. Quem é mãe atípica? Ótimo. Mães que não são atípicas? Muito bom. Professores? Caramba, bastante. Estudantes? Uau, máximo. É da ETEC, vocês, não é? Eu fiz E-TESP. Não sei se é parecido, mas eu fiz E-TESP, Centro Paula Souza, mas acho que é um curso técnico também. Pessoal, vou contar um pouquinho da minha trajetória. Eu venho de uma família muito humilde, uma família de seis irmãos, e eu não sabia que era autista. Eu fui descobrir o autismo na fase adulta. Eu fui andar e falar aos quatro anos de idade. E a minha mãe, está ligado aqui? A minha mãe ficou na escola comigo da primeira série até a sétima série. E os meus pais falavam que, antes mesmo de eu andar, o mundo já duvidava de mim. Por que o mundo duvidava de mim? Porque as pessoas questionavam os meus pais. Nossa, mas esse menino não anda, ele não fala, ele é muito grande. Ele já tinha que estar falando. Vai procurar um médico, será que esse menino não tem paralisia infantil? Ele recebeu as gotinhas? Minha mãe falava, claro, não, todas as vacinas. Mas a minha mãe entendia que o tempo era o melhor remédio e que eu tinha o meu momento, o meu tempo. Mas, como eu falo, a doutora falou aqui, eu fui alvo de muitas promessas e simpatias, porque a minha mãe colocou o pintinho papiá na minha boca, eu não falei, doutora. Minha mãe mudava de uma casa para outra e sempre na escolha da casa, ela escolhia uma casa que tinha entrada e saída, porque ela falava que tinha que cortar o meu medo na casa. Então, ela entrava comigo de um lado e saía do outro, porque ela acreditava que, dessa forma, eu ia andar. Não andei. Fez promessa para a Aparecida do Norte e muitas outras coisas. Mas ela dizia que eu fui andar no dia que ela me levou para o interior de São Paulo, para a promessa, e lá falaram para ela, olha, dona Eva, soca o Jorginho no pilão, que ele vai andar. E aí ela me socou no pilão, vocês sabem aquele tonel enorme que soca amendoim, e aí eu culpo ela até hoje. Por isso que eu não cresci, porque a senhora me socou no pilão. Eu andei, mas não cresci. Brincadeiras à parte, os meus pais enfrentaram muita dificuldade nesse sentido, porque muitas dúvidas. E, no meu tempo, não se falava em autismo como se fala hoje, não se falava em diagnóstico como se fala hoje. O autista nível 1 de suporte era, muitas vezes, aquela pessoa que vivia no quarto, trancada, aquela pessoa que não queria falar com muitas pessoas, que não queria ouvir barulho. E era desse jeito. E, por muito tempo, sofri isso. Fui diagnosticado na fase adulta e, como eu falei, a minha mãe ficou dentro da sala de aula comigo da primeira série até a sétima série. E, claro, eu ouvia aquelas piadinhas. Ah, olha o filhinho da mamãe, hoje a mamãe teve que vir com ele de novo. E eu não sabia que eu era autista. Eu chegava na sala de aula, eu queria sentar sempre na primeira carteira e sempre na segunda fileira. Aliás, na segunda fileira e segunda carteira. E, muitas vezes, os meus amigos não deixavam aquele lugar para mim. E aquilo me causava uma ansiedade, aquilo me deixava num estresse que eu não conseguia estudar. Mas eu sempre tinha que ter a minha mãe atrás, sentada lá no fundo. Então, eu ficava estudando aqui e olhava para o fundo e tinha que ver minha mãe. E hoje eu faço um comparativo assim. Nós temos muitas pessoas aqui, mas tenho certeza que pelo menos uma pessoa aqui hoje deve, nesse momento, estar pensando que ele é autista mesmo. Ele fala tão bem, se expressa tão bem. Será que ele é autista? Mas ninguém imagina o que a minha mãe passou para que hoje

eu estivesse aqui, falando com cada uma de vocês. A minha mãe me colocava no escuro, porque eu não gosto muito de luz, Eu gosto mais de luz baixa E ela me colocava no escuro Para apresentar o projeto da escola Trabalho de escola para mim mesmo De frente ao espelho Porque eu não conseguia apresentar Um trabalho na escola E dentro da sala de aula Eu acabei sofrendo isso também Por parte dos próprios professores Por parte da coordenação Da direção da escola Que um dia chegaram para minha mãe e falaram Dona Eva, não dá a senhora ficar quatro horas aqui com esse garoto, nós não podemos deixar a senhora aqui, não. A senhora vai ter que... Um dia nós vamos ter que fazer um teste. E aí, um dia, fizeram esse teste. Tiraram a minha mãe da sala de aula, eu estava distraído, e, quando eu virei para trás, eu não vi a minha mãe. E o que aconteceu? Eu tive a minha primeira crise identificada, que hoje eu identifico como uma crise. Mas lá atrás Eu fui visto como um aluno rebelde Mal educado Eu virei a carteira Chutei a professora Bati nos amigos que tentaram me segurar Mordi quem tentou me segurar Pulei o muro da escola Fugi, morava perto da escola E quando eu cheguei Na minha casa A minha mãe estava chorando Copiosamente E aí ela me abraçou E eu chorando também e ela disse, filho, eu avisei elas que você não ficaria se eu não estivesse, mas elas não acreditaram em mim. Então, hoje, eu queria deixar essa reflexão, principalmente para os profissionais que estão aqui, porque, muitas vezes, não escutam a mãe atípica. A mãe atípica não escuta, não acolhe, não sente o que uma mãe atípica pode proporcionar funcionar ali em todo aquele trabalho. Porque, às vezes, a mãe, com a sensibilidade dela, pode, sim, ajudar o profissional. Eu gostei do que a doutora Renata falou, que se deve trabalhar com a família. E, quando se trabalha com a família, é muito importante. E eu digo que, na escola, os estudantes que estão aqui, o maior enfrentamento da minha vida foi na oitava série. Porque na oitava série A minha mãe não pôde mais ficar comigo E eu conheci o bullying de perto Eu falo que o bullying É algo terrível Que começa com uma simples Brincadeira As pessoas Começam com uma piadinha Com uma brincadeirinha Cadê o filhinho da mamãe? Não está vindo mais com a mamãe Mas na oitava série Os meus amigos Eles agiram de forma Muito cruel comigo Porque na hora da saída, eles me colocavam de pé, faziam uma roda em volta da minha pessoa e ali começava o massacre. Vinha um, era tapa na cara. Vinha outro, soco na barriga. Vinha outro, cloque, que eu sinto até hoje os cloques que eu tomava. E era aquela risada, todo mundo ria E vinham e me davam tapa na cara, cuspiam na minha cara Me davam chute e gozado E eu ficava ali estático, parado Eu não fazia nada E eles comentavam entre eles Quem fizer o Jorginho chorar, quem bater mais forte vai ganhar salgadinho Vai ganhar bala amanhã no recreio E aí era aquela, um tentava mais forte do que o outro Nossa, Jorginho, mas e os professores? Cadê os professores que não viam isso acontecendo? Na verdade, eles estavam passando para lá e para cá, e ali as crianças sorrindo, brincando, falando alto, e eu ali parado no meio sem dizer nada, não tinha como saber o que estava acontecendo. E eu pensava, na semana seguinte é prova, eu tenho que conquistar esses meus amigos. E aí sempre fui um garoto muito estudioso, muito esforçado. E aí, na semana de prova, eu passava cola, pegava a prova de um, fazia a prova de um, trocava com a prova de outro. De alguma forma, eu tentava ajudar os meus colegas, porque eu pensava, bom, agora eles vão virar meus amigos, porque eu estou ajudando eles. E aí passava a semana de prova, voltava todo o massacre de novo. E cada vez aquilo se tornava pior. E aí, em uma das minhas voltas para casa, eu chorava muito, muito, e eu falava, meu Deus, por que isso está acontecendo comigo? Eu não queria mais ir para a escola, mas eu tinha que ir. Eu não falava nada para os meus pais, não falava nada para os professores. Mas

por que você não falava, Jorginho, para o seu pai, para a sua mãe, o que estava acontecendo na escola? Justamente porque eu era autista e não sabia. Hoje, quando as pessoas falam com os autistas E eu acho que isso tem que ter muito cuidado Porque nós, autistas, muitas vezes entendemos Na maioria das vezes, as coisas no sentido literal Por exemplo, hoje, se alguém fala para mim Jorginho, quebra o galho Eu sei que quebrar o galho é ajudar Mas a primeira coisa que o meu cérebro processa É quebrar o galho Você fala, ah, fulano está morto de fome. Na minha cabeça, o que processa primeiro é a pessoa morta. E aí o que acontecia comigo? Eu da escola para casa, eu ia chorando. Chegava na porta de casa, eu limpava as minhas lágrimas e entrava e não falava nada para os meus pais. Mas como você não falava para os seus pais? Porque o meu pai tinha uma fala muito conhecida. Meu pai falava assim, Filho meu, que brigar na escola For para a escola, brigar na escola E vier para casa chorando Vocês estão falando para o filho de vocês, né? Olha lá, hein? Era exatamente o que meu pai falava para mim Isso criava um bloqueio tão gigante Que eu era massacrado Eu apanhava e não falava para os meus pais E nem para os professores E eu enfrentei durante muito tempo isso. E hoje eu paro e penso, poxa, por que eu não corri? Por que eu não falei? Mas, naquele momento, eu era o tipo de autista que não sabia que era autista e eu vivia os meus enfrentamentos da maneira como eu achava que melhor eu poderia enfrentar. Mas aí é onde eu deixo um recado, principalmente para os estudantes que estão aqui. A gente fala que, na vida, Tudo tem o seu troco. Ninguém planta chuchu para colher tomate, ninguém planta abóbora para colher melancia, vocês concordam? A vida dá muita volta. E, numa dessas voltas, eu, autista, acabei virando vereador da segunda maior cidade do Estado de São Paulo, que é Guarulhos, com quase 1,5 milhão de habitantes. E, numa dessas voltas, um dia eu recebo um telefonema no meu gabinete de uma senhora totalmente desesperada. Vereador, pelo amor de Deus, me ajude. Eu não sei o que faço. Eu já liguei na prefeitura, eu já liguei na polícia, eu já liguei em tudo quanto foi canto, e ninguém me atende. Mataram o meu sobrinho aqui na rua da minha casa. Já tem quase quatro horas que ele está estendido aqui, uma poça de sangue. A mãe dele, minha irmã, desmaiou, teve que ser socorrida. Tem duas crianças aqui, vereador, as duas filhinhas dele estão assistindo a essa cena de horror. Nos ajude, vereador, venha aqui, por favor. Eu peguei a viatura, peguei dois assessores e fui. Quando eu cheguei lá no local, realmente o rapaz, acho que tinha tomado um tiro na cabeça, tinha sofrido, foi alvejado na cabeça, estava caído lá, já coberto com cobertor, a polícia militar estava preservando o corpo dele, aquela poça de sangue, mas o que mais me chamou a atenção foi as duas meninhas, entre cinco e seis anos, encostadinhas ali perto do corpo, aquela poça de sangue, e as meninas ali chorando, as duas meninhas, as duas filhas do rapaz. E aí eu olhei para aquilo, fiquei super revoltado, peguei o telefone, liguei para o Secretário de Segurança Pública, liguei para o Secretário de Serviços Públicos, pedindo uma brevidade, uma urgência, para que aquele corpo fosse removido, porque ele já estava ali quase quatro horas. E aí, vereador André Bandeira, em menos de 30 minutos, Chegou lá o carro do IML para levar o corpo E aquela senhora me disse Poxa, vereador, precisou do senhor vir aqui Para que isso acontecesse Nós sofremos tanto aqui Aí eu disse, não, fica tranquila Agora eu vou acompanhar a senhora Até o serviço funeral Para garantir Que a senhora vai ser atendida Com prioridade, com rapidez Depois de tudo que aconteceu aqui E aí fui com aquela senhora para o serviço funerário municipal. E, quando chegamos lá, ela foi atendida rapidamente, estava com o vereador. E eu percebi que aquela família era uma família humilde, não tinham condições de pagar o velório. E ela fez aquela carta atestando a pobreza dela. E, no momento

em que estava quase tudo resolvido, chegou o rapaz lá, o agente da funerária, e disse a senhora vai querer que faça a ornamentação no caixão? Só que essa ornamentação é paga à parte. A prefeitura não dá. Aí ela falou, não, moço, de jeito nenhum. Eu nem vou ligar para a minha irmã para falar sobre isso. Primeiro que ela está desolada pelo acontecido, e, segundo, que na casa do meu sobrinho, da minha irmã, está faltando leite até para as filhas dele. Então, eles não vão ter condições de pagar a ornamentação. Na hora, me veio aquelas duas meninas do lado do corpo do pai delas. E aí eu disse para o rapaz, moço, quanto custa essa ornamentação? Ele disse, 350 reais. Eu falei, pode fazer que eu vou pagar. Aí aquela moça me abraçou. Nossa, muito obrigado, vereador. O senhor não fez aceitação do meu sobrinho. O senhor não perguntou se ele era um bandido, se tinham matado, o que aconteceu. desde que o senhor chegou, o senhor sempre está tentando nos ajudar. Eu falei, claro, estou aqui para isso, fui eleito para isso. E tudo bem, ela foi embora, eu fui embora, supercontente pelo que eu fiz. E aí, no outro dia, eu falei para a Maia, acordei logo cedo, em 2024, eu estava em campanha eleitoral e falei para a Maia, não posso mentir, falei, Maia, eu tenho uma reunião próxima ao cemitério E eu vou dar uma passada lá para dar um abraço naquela senhora. Ela me disse que a família dela é cristã, a família é grande. Como eu ajudei o rapaz lá na questão do velório, vou lá porque, de repente, o pessoal vai me ver e aí eu acabo divulgando o meu trabalho. E aí eu fui. Quando eu cheguei lá no velório, que eu entrei, eu dei de cara com aquelas duas meninhas de aproximadamente uns cinco, seis anos, chorando. ali bem na beira do caixão do pai. E aí eu fui me aproximando. E aquilo doeu no meu coração, porque eu tenho dois filhos, o Theo e a Mel. E eu imaginei, poxa, que triste isso para os filhos ver o pai desse jeito. Mas, quando eu me aproximei do caixão, quase que eu morri. Porque aí eu vi o rapaz de perto, que até então eu não tinha visto, e eu conheci. Aquele rapaz era o garoto que mais tinha me humilhado na escola, o garoto que mais tinha me batido na escola, o garoto que mais cometeu bullying comigo na escola. E a gente não se via há muitos anos. E, quando olhei ele ali naquele caixão, falei, meu Deus do céu, será que esse rapaz é um neném? Porque a mulher falava Carlos Eduardo, Carlos Eduardo, e eu não assimilei, porque conheci ele como um apelido de neném. Aí eu perguntei, o apelido dele era Nenê? É ele. Falei, meu Deus, olha isso. E aí comecei a pensar ali no velório, foi muito triste. Comecei a filosofar ali. Falei, poxa vida, tudo isso, por que terminou nisso? Um rapaz aqui, num caixão tão jovem. E aí pensei, ele está aqui, mas será que a culpa é dele? Será que tudo o que ele fazia, ele está pagando, a culpa é dele? E aí eu pensei, não, a culpa não é dele, ele era só uma criança, ele era só um adolescente que fazia aquelas maldades, mas a culpa não deve ser dele, a culpa talvez seja da mãe dele, que não deu educação para ele, que deixava ele ir para a escola e fazer todas aquelas maldades com a gente. E aí, por um instante, eu olhei para a mãe dele, a mãe dele estava no canto, e aí aquela típica senhora cristã, com a Bíblia debaixo do braço, triste ali, meio que chorando, com a cabeça baixa, aquela senhora de coque, saias. E aí eu olhei para a mãe dele e falei, não, a culpa não é da mãe dele. Coitada, olha a mãe dele, olha o estado da mãe dele. Talvez ela tenha tentado fazer tudo para salvar a vida dele e não conseguiu. E, realmente, a tia tinha me falado. O meu sobrinho era uma pessoa muito boa, vereador, mas, infelizmente, ele se enveredou para o caminho do crime quando começou a andar com má companhia, começou a utilizar drogas, e logo caiu no mundo do crime, e olha o final dele. E aí eu pensei, tem professores aqui, não é? Pensei, já sei de quem é a culpa disso. A culpa é dos professores, são dos professores. E aí eu comecei a pensar, porque eles passavam ali e viam eles me batendo, viam ele cometendo aquelas maldades e não faziam nada. Mas como os

professores iam fazer alguma coisa se eu estava ali estático, não falava nada, todo mundo me batendo, ele me batendo, todo mundo feliz, contente, dando risada, e mais de 30 alunos em uma sala de aula? Como o professor ia dar conta? E aí eu pensei, um autista filosofando naquele velório, E aí eu pensei, não, a culpa não são dos professores. Eu já sei de quem é a culpa. A culpa disso ter acontecido é do governo. O governo que não dá atenção para as famílias, o governo que não dá suporte para os professores. E aí eu logo pensei, mas todo mundo culpa o governo, não é? E se é culpa do governo, é minha culpa também, porque eu sou vereador. E aí, filosofando ainda um pouco mais, eu pensei, não, a culpa de tudo isso eu acho que é minha. Porque, se eu tivesse lá atrás falado para o meu pai, para a minha mãe, que ele me batia, que ele me humilhava, que ele me torturava, talvez meus pais teriam ido na escola, teriam falado com a direção da escola, teriam chamado a mãe dele, o pai dele, e talvez hoje ele não estaria aqui nesse caixão. Mas aí, pensando um pouquinho mais, eu comecei a descobrir o seguinte, que a culpa não era dele, não era da mãe, da escola, nem do governo, nem minha. A culpa é de todas as pessoas que hoje não se importam em falar sobre inclusão, que não se importam com pessoas com deficiência. É típico do ser humano falar de inclusão defender uma causa quando ele tem alguém muito próximo dele que tenha algum tipo de deficiência. Eu sou arquiteto de formação e nunca encontrei alguém que tivesse feito uma casa e tivesse pedido para mim, Jorginho, faz um banheiro adaptado aqui, que amanhã ou depois posso receber alguém com deficiência. um amigo, e aí eu tenho que ter um banheiro adaptado. Ou coloque a piso tátil aqui na minha casa, porque alguém com deficiência visual pode vir me visitar. Nós só pensamos dessa forma quando temos alguém que amamos muito, próximo, que seja uma pessoa com deficiência. O meu tempo é curto, e eu queria deixar uma mensagem para as mães atípicas. O maior medo de uma mãe atípica Certamente é o medo que a minha mãe tinha O maior medo que vocês têm Certamente É de morrer e deixar o filho de vocês Não é verdade? A minha mãe tinha esse medo E mesmo eu já formado Com filho A minha mãe Em 2015 Ela descobriu um câncer no cérebro E ela lutou muito durante 4 anos Contra esse câncer E o maior medo que ela tinha, mesmo eu sendo um autista diagnosticado na fase adulta, que uma hora eu vou contar com mais detalhes, ela tinha muito medo que o mundo não me aceitasse, que o mundo me fizesse mal. Ela falava, você é muito inteligente, filho, mas às vezes você é muito inocente. As pessoas te enganam duas, três vezes, você cai no mesmo golpe duas, três vezes. É incrível. Você tem que ter mais malícia, filho. Você tem que ser mais astuto. E a minha mãe foi uma mãe que lutou tanto por mim, e ela acreditou tanto em mim, que muitas vezes, quando eu estava na escola, e que eu não era chamado para nada, porque eu era visto como aquele garoto estranho, aquele garoto revoltado, e muitas vezes eu cheguei em casa chorando e dizia para minha mãe, Mãe, teve um aniversário, ninguém me chama. Eles fazem festa, não me chamam. A nossa família não nos chama, mãe. E a minha mãe falou para mim, com os olhos cheios de lágrimas, a minha mãe disse, filho, eles vão te chamar. Eu falei, não vão, mãe, porque foi semana passada a festa, eles não me chamaram. E ela, em uma fala bem importante na minha vida, que eu vou guardar para sempre, ela disse, você ainda vai ser chamado para lugares que você nunca imaginou. E hoje eu estou aqui em Piracicaba, falando para pessoas que eu não conheço, contando um pouco da minha história. Então, a minha mãe tinha razão. Ela sabia o que falava. Então, eu queria deixar aqui uma mensagem para vocês, mães. Nunca desistam do filho de vocês. A minha mãe, na fase terminal do câncer, Um dia eu cheguei na casa dela Ela estava chorando E eu perguntei Mãe, por que a senhora está chorando? Ela me disse Filho, estou chorando porque

A sua mãe está sendo Acabada por essa doença Essa doença tirou a minha dignidade Ela teve um derrame Não podia mais mexer os braços Não andava E ficou numa cadeira de rodas E ela disse Eu não posso mais tomar banho sozinha Eu não posso me alimentar eu não posso fazer nada sozinha, essa doença me tirou tudo, mas se tem uma coisa que ela não vai me tirar é a fé, e aí eu disse mãe, e por que a senhora está chorando? a senhora vai se curar, a fé é a coisa mais importante para que a gente possa se curar e ela disse, não é só isso filho, a sua mãe nunca saiu de casa sem um dia passar um pó no rosto, sem um dia é colocar um brinco, e hoje eu não posso nada disso eu vou para o hospital, eu vou toda desarrumada, eu falei e não seja por isso, mãe, peraí. Fui no quarto dela, peguei as maquiagens dela, brinco, voltei para a sala e falei, eu vou maquiar a senhora. Ela falou, mas o que você vai fazer? Falei, vou maquiar a senhora, a senhora não está chorando porque a senhora disse que não consegue se maquiar. Eu vou maquiar a senhora. Quantas vezes a senhora me deu banho, quantas vezes a senhora me carregou? Chegou o momento de eu retribuir, tipo brincando. E foi um momento incrível que eu vivi com a minha mãe. Foi um momento de conexão Eu passava batom na boca dela Ela olhava no espelhinho e falava Eu estou parecendo uma palhaça Você está errado Você tem que passar certinho Aí eu passava o lenço, passava de novo Errava tudo de novo Passei pó demais Ela falava, você está me deixando igual uma palhaça Eu vou chegar lá e o médico vai pensar o que de mim E naquela conexão Mal sabia eu que duas semanas depois A minha mãe ia partir Então, vocês mães, aproveitem isso. E aí, nesse dia, eu tive a felicidade de ir para o médico com ela e eu fiz um vídeo. Não sabia que eu ia me tornar vereador, não sabia que a minha mãe ia morrer, não sabia que um dia eu ia utilizar esse vídeo em uma palestra. E aí eu registrei esse momento em que a minha mãe, com gratidão, duas semanas antes dela morrer, ela se despediu de mim. Mas é só isso, Jorginho? Não. A minha mãe foi internada numa segunda-feira. Quando eu cheguei no Instituto do Câncer, o médico disse para mim e para o meu pai e para os meus irmãos que a dona Eva não dura mais do que duas horas. O câncer já tomou conta. Agora nós vamos dar a ela qualidade para que ela possa morrer tranquila, sem dor. E a minha mãe, ela não durou duas horas. A minha mãe durou uma semana. Ela já estava colocando sangue pela boca e ela não morria. Aí uma tia minha me chamou e falou, filho, vai lá, conversa com a sua mãe. Não faz isso, não. Nós não podemos ser egoístas. Sua mãe está sofrendo muito e ela não morre. E ela não vai morrer enquanto você não conversar com ela. Sabe por quê, filho? Porque quando ela descobriu esse câncer, ela confidencializou comigo que o maior medo dela morrer de câncer era deixar você. Como você ia entender tudo isso? E aí, gente, eu fui no quarto, entrei no quarto, segurei a mão da minha mãe e conversei com a minha mãe. Mãe, não é justo o que a senhora está vivendo. A senhora me ajudou tanto. E agora a tia disse que talvez eu seja culpado da senhora não partir. Mãe, já deu. A senhora já lutou, fez tudo o que pôde A senhora já venceu Chegou o momento da senhora descansar, mãe E de eu seguir De eu seguir a minha vida Eu vou ficar bem, mãe Mas descansa A senhora vai estar do lado do nosso Deus E aí eu fiz uma oração Dei um beijo na testa da minha mãe E quando eu soltei a mão da minha mãe A minha mãe faleceu Então essa foi a maior prova de que uma mãe atípica é capaz de qualquer coisa por um filho atípico. Que uma mãe atípica tem que ser respeitada e, principalmente, aceita, e, principalmente, ouvida, e, principalmente, acolhida. Então, eu queria passar só esse vídeo da minha mãe para finalizar. É a minha mãe que... Eu que sou um autista com hiperfoco em música, e a minha mãe gostava muito. Consegue passar? E hoje a maioria das mães, elas encontram esse maior medo. Esse é o maior medo das mães. É que os filhos,

que eles fiquem... Fiquem. E vocês podem ter certeza que um dia o filho de vocês vai ser muito grato por tudo que vocês... Eu queria deixar para cada uma de vocês uma mensagem. Às vezes vão falar para o filho de vocês que ele não vai chegar a lugar nenhum, que ele não vai conquistar, que ele não vai conseguir. Não acreditem, porque a minha mãe não me viu vereador, ela não pôde estar sentada aqui para me ver, para estar falando com cada um de vocês. Mas tenho certeza que lá do céu, onde ela está, Ela está muito orgulhosa de mim e, com certeza, ela deve estar nesse momento dizendo, eu não falei para você, filho? Muitas pessoas ainda iriam te ouvir e vocês estão aqui hoje. Que Deus abençoe vocês nessa luta típica, que vocês consigam chegar onde a minha mãe chegou, conquistar o que a minha mãe conquistou para que eu estivesse aqui hoje. Uma salva de palmas para vocês. Obrigado. Agradecemos ao senhor Jorginho por esta apresentação. E, neste momento, nós vamos fazer a pergunta do participante que foi selecionada no ato da inscrição. A pergunta é como podemos mudar o foco dos déficits para os potenciais e talentos? Depende muito dos estímulos. Eu acredito que todo o trabalho que a minha mãe fez comigo, sem saber que eu era autista, porque eu descobri que eu era autista em 2018, através do meu filho Tel, filho Tel, acho que não vai aparecer aqui, mas através do meu filho, e eu acho que hoje existe uma coisa chamada tríade, que eu acredito muito, que é terapia, escola, terapia e casa. Então, não adianta nada fazer terapia sem ter essa continuidade em casa e na escola. Então, quando existe essa tríade, quando existe esse trabalho em conjunto, o sucesso, seja um autista nível 1 de suporte como eu, como nível 2, quanto nível 3, o sucesso, eu acho que é praticamente garantido. Obrigada, senhor Jorginho. Em função do avançado da hora, da mesma forma, quem quiser fazer alguma consideração, alguma pergunta, o senhor Jorginho vai deixar, já estão ali os contatos, não é? Arroba Jorginho Mota, é isso mesmo. Ou pode escanear ali também. Muito obrigada. Obrigado a você. Parabéns. Queria uma salva de palmas para as meninas que também apresentaram aqui. Fizeram um grande trabalho, o som, os funcionários da Câmara Municipal, seus assessores, André, sempre muito atenciosos com a gente, toda a sua equipe, obrigado. O senhor tem o nosso respeito, o nosso carinho, sempre. Muito obrigada, senhor Jorginho. Gostaria de convidar o vereador André Bandeira para vir à frente do salão. Senhor Jorginho, por favor, também à frente do salão. A doutora Renata, por favor, também aqui à frente do salão E a senhora Rebeca, que foram os nossos palestrantes Eu gostaria de convidar para uma foto oficial aqui com o vereador Senhora Rebeca, alguém pode... Senhora Rebeca, por gentileza E agora, nesse momento, o vereador André Bandeira Gostaria de prestigiar os nossos palestrantes O vereador vai entregar um mimo para cada um dos nossos palestrantes. Foram palestras excelentes, não foram? Senhor Jorginho, só um minutinho. Pode usar o microfone. Eu não ia fazer, mas acho que se faz necessário, porque, querendo ou não, você tem ajudado muito a cidade de Piracicaba e o estado de São Paulo inteiro. Então, eu queria pedir que vocês ligassem as luzes do celular de vocês e ficassem de pé para a gente encerrar. Pode ser? Assim, olha. Conseguem assim? Ah, foto oficial. Então vamos fazer a foto oficial aqui com o presente. Enquanto o pessoal liga os celulares. Vê? Tem como apagar as luzes aqui e colocar aquela música. André, essas luzes que você está vendo aqui é cada luz que você criou para estar iluminando as nossas vidas aqui. E eu quero te oferecer essa música. porque você, André, com todos os seus obstáculos, não só na vida como na política que a gente sabe que nós temos, você não desistiu de estar aqui hoje. Você não desistiu de lutar por cada um de nós. E eu acredito que um vereador com tantos mandatos tem muita história para contar e muitas dificuldades. Balança para ele essa luz, gente, Para ele

ver que essa luz vai iluminar O caminho dele aqui na cidade E quem sabe mais longe E ó André Quer ver como todo mundo vai cantar para você? Porque o que o André é, gente? Quero ouvir todo mundo, hein? O que ele é? Campeão Vai lá, gente Vencedor Deus da asa O que? Faz seu vô, campeão, vencedor, essa fé que te faz imbatível e mostra o seu valor. Tá legal, obrigado gente, é isso aí, pode acender a luz, é isso aí André, que Deus te abençoe meu irmão, que você continue esse cara maravilhoso, viu? Todos nós te amamos de coração, tá? E agora, para encerrar oficialmente, vereador André Bandeira, depois dessa homenagem tão emocionante. Muito obrigado. Queria agradecer a toda a equipe da Câmara por tornar possível essa solenidade no dia de hoje. Esse terceiro simpósio de autismo que pudemos realizar nessa noite de hoje. A cada um aqui presente, os alunos da ETEC que estiveram conosco aqui são da Paula Souza, e estão aqui com a gente, com certeza vão levar daqui uma sementinha para compartilhar na nossa sociedade, lá na escola, enfim, com a família, cada um aqui, mãe, professoras, todos que estiveram aqui. Quero agradecer a minha equipe, em nome do Leandro, em nome da Dani, que estão aqui, sem eles, com certeza, não seria possível. A Dulce, mais uma vez, vou ser redundante aqui, mas tenho que ser redundante. Sem ela, com certeza, isso não seria possível, não estaria aqui. Jorginho, obrigado de coração, meu irmão. Obrigado, parabéns pelo seu trabalho. Obrigado por estar aqui com toda a correria sua do dia a dia. Conseguiu estar chegando aqui em Piracicaba. Rebeca, obrigado de coração por sempre estar junto conosco, aceitando as nossas provocações e fazendo as suas provocações. e, nesse sentido, acho que a gente constrói uma sociedade melhor e vamos construir uma Piracicaba melhor. Uma Piracicaba, uma região, um Estado e temos que agir dessa forma. Doutora Renata, muito obrigado de coração por encontrar um tempinho também dentro da tua agenda para estar aqui conosco, compartilhando um pouco de todo o teu conteúdo, que você já faz isso nas redes sociais e pode nos dar o privilégio de estar com a gente hoje aqui pessoalmente. Muito obrigado de coração. E a cada um de vocês, por favor, levem essa mensagem para casa da inclusão, de que, como essa música que o Jorginho pediu para cantar, campeão, vencedor, todos nós somos. Vamos colocar isso no dia a dia. Obrigado de coração, pessoal. Uma santa noite para vocês, um ótimo final de semana. Vão com Deus.